



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

JANEIDE DA SILVA CAVALCANTE

CIGANOS EM SÃO JOÃO DO PARAÍSO-MA: DE ANDADORES A MORADORES

TOCANTINÓPOLIS – TO

2018

JANEIDE DA SILVA CAVALCANTE

CIGANOS EM SÃO JOÃO DO PARAÍSO-MA: DE ANDADORES A MORADORES

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis para obtenção do título de Ciências Sociais, sob orientação do Professor Wellington da Silva Conceição

TOCANTINÓPOLIS – TO

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- C376c Cavalcante, Janeide da Silva .
CIGANOS EM SÃO JOÃO DO PARAÍSO-MA: DE ANDADORES A
MORADORES . / Janeide da Silva Cavalcante. – Tocantinópolis, TO, 2018.
55 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Ciências Sociais, 2018.
Orientador: Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição
1. Ciganos . 2. Nômades . 3. Andadores . 4. Moradores . I. Título

CDD 300

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

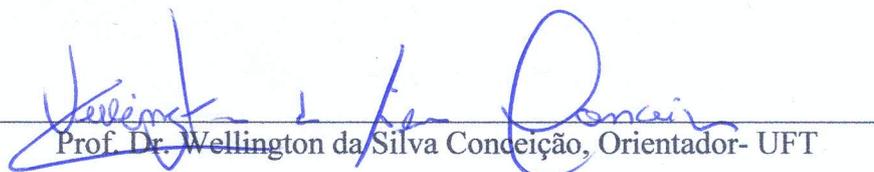
JANEIDE DA SILVA CAVALCANTE

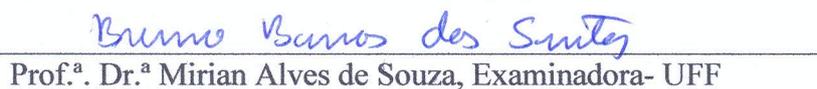
CIGANOS EM SÃO JOÃO DO PARAÍSO-MA: DE ANDADORES A
MORADORES.

Monografia apresentada à Universidade
Federal do Tocantins – Campus de
Tocantinópolis, para obtenção de título de
graduanda em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Aprovada em: 12/07/2018


Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição, Orientador- UFT


Prof.^a. Dr.^a Mirian Alves de Souza, Examinadora- UFF

Prof. Esp. Bruno Barros dos Santos, Representante – UFT


Prof. Dr. Rafael da Silva Noleto, Examinador-UFT

A minha base, que sempre me impulsionaram a continuar estudando minha mãe Terezinha, e a meu pai Geraldo (in memoriam), obrigado pelo carinho e apoio. E a todos os ciganos que residem como moradores na cidade de São João do Paraíso-MA.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois acredito que sem ele, não teria chegado até aqui, sei que sempre está comigo e que sempre estará me abençoando e guiando. À minha mãe Terezinha, por ser a minha base. Sempre me ajudou e incentivou a continuar, mesmo com todas as dificuldades durante os anos de graduação. Obrigado pelo carinho e amor. Mesmo não tendo concluído seus estudos sempre me incentivou. Foi você a principal pessoa que me ajudou a não desistir. Aprendi com você que mesmo com todas as dificuldades devemos sempre continuar. Mãe, é pra você esta conquista. Ao meu pai (in memoriam) Geraldo, que mesmo não estando aqui, me recordo que sempre me incentivou a estudar. Obrigada pelos ensinamentos. Mesmo longe está sempre presente e nunca será esquecido. Muito obrigada. Amo vocês.

Aos meus familiares e amigos de São João do Paraíso-Ma, obrigada pelo incentivo e carinho.

Ao meu professor orientador e amigo Wellington da Silva Conceição, que além de orientador foi um professor que me auxiliou bastante durante a graduação. Obrigada pela orientação quando fui sua monitora em Sociologia II, obrigada pelo convite para participar do LATPOR (Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Territórios populares e suas representações) onde aprendi bastante, obrigado por sempre me motivar e acreditar em mim, e principalmente pela orientação deste trabalho. Você foi um dos responsáveis pela escolha deste tema. Muito obrigada por todo aprendizado adquirido durante as orientações. Você é um excelente professor, um exemplo a ser seguido, como pessoa e como profissional. Muito obrigada.

À minha amiga Ana Paula e sua família, dona Maria, Ana Rafaela e Daniel, que abriram as portas da sua casa para que eu pudesse ficar enquanto estudava, já que eu moro em uma cidade distante da universidade. Minha segunda família, obrigado por me aturarem, obrigada por me abrigarem, não tenho como pagar tudo que fizeram por mim nestes anos de graduação.

Às minhas amigas de período Marcia de Sousa e Raquel Angelino, minhas mosqueteiras. Obrigada pelo companheirismo nos trabalhos e durante toda a graduação, obrigado por me ajudarem. Marcia, que foi minha companheira nas subidas para a UFT, que me ajudava a pegar o táxi em Porto Franco para ir pra casa, em todas as disciplinas, nos trabalhos, nos choros... obrigada pelo companheirismo e amizade durante todo o curso. Sua amizade fez toda a diferença nesses anos de graduação.

Ao meu amigo Laylson, que tive a oportunidade de conhecer na metade do curso. obrigada pelo companheirismo, por me motivar, por me incentivar a estudar os ciganos. Sou imensamente grata pela ajuda na escrita, correções e conselhos que me ajudaram bastante na culminância deste trabalho. À Alessandra, que fazia nossas idas para a UFT mais divertidas, obrigada pelo companheirismo e amizade. À Ivana e Jailson, obrigada pela amizade construída durante a graduação. Nossos encontros dentro e fora da Universidade marcaram minha vida, vocês foram um dos meus melhores presentes durante a graduação, espero que essa amizade permaneça por toda nossa vida.

A todos os discentes do curso de Ciências Sociais, em especial a Carina Torres, me recordo quando na primeira aula ela me levou para conhecer o campus. Obrigada pelo companheirismo e amizade durante os anos de graduação. E aos meus colegas Marcos Antônio Coelho, Maurizan, Lucas, Wátilla, Miguel, Sônia, Luciana e Caroline.

A todos os alunos que atravessam o rio Tocantins rumo a Tocantinópolis, que sobem as ladeiras, especialmente aqueles que subiam e desciam junto comigo, regadas de muitas aventuras e risadas junto com o povo que vinha do Maranhão.

A todos os bolsistas e as professoras Liza Brasília, Karina Sousa e Bruno Hammes do Centro de Referência em cidadania e direitos humanos-Tocantinópolis (CRDHTOC). Obrigada pelo aprendizado durante o ano como bolsista do mesmo, a participação nas atividades desenvolvidas contribuiu bastante na minha formação.

Aos integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Diversidade: todos os bolsistas e a professora coordenadora do nosso subgrupo Aline Campos, que sempre mostrou dedicação e muito empenho em todos os trabalhos propostos. Você é um exemplo de professora a seguir. Muito obrigada.

Agradeço a professora Mirian Alves Souza, da UFF (Universidade Federal Fluminense), obrigada pelo envio da sua tese, que me auxiliou bastante na bibliografia utilizada neste trabalho.

A todos os professores do curso de Ciências Sociais, Rafael da Silva Noletto, Bruno da Silva Hammes, Karina Almeida de Sousa, Maria Lucia Silva, Paula Marcela Ferreira França, César Alessandro da Silva Figueiredo Sagrillo, João Batista de Jesus Félix, Maria do Socorro Ribeiro Padinha Padinha, Luciene Silva e Maria Jucineide. Vocês contribuíram bastante na minha formação, durante todas as disciplinas cursadas.

E em especial aos ciganos que me deram o prazer desta pesquisa. Agradeço às famílias do Bigode e do Tinda, que hoje estão em uma condição de moradores na cidade de São João do

Paraíso-Ma. Agradeço pelas conversas durante as entrevistas, pela forma que me receberam e se propuseram a responder minhas perguntas. Serei sempre imensamente grata a vocês.

À Universidade Federal do Tocantins, ao seu corpo docente, direção e administração. Obrigada por me proporcionarem todo o aprendizado que tive neste espaço.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

A romá

Um dia lá do Oriente
De onde tudo começa
Partiu meu povo contente
Caminhando sem ter pressa.

Quando partiu? ... Ninguém sabe.
Por que partiu? ... Ninguém diz.
Partiu... quando deu vontade.
Por que partiu? ... Porque quis.

Então aqui aparecemos
Sem nunca saber quem fomos.
Nosso passado esquecemos,
Só interessa o que somos.

Dizer que pátria não temos
É uma grande insensatez.
A nossa pátria sabemos
É maior do que a de vocês.

Sua pátria é uma país somente.
A nossa, é toda essa terra.
Que Deus nos deu de presente
Por nunca fazermos guerra.

Somos um povo que canta!
Feliz por saber viver!
O pôr do Sol nos encanta!
Amamos o amanhecer.

O ontem é sempre passado.
Amanhã, sempre o futuro
Vivemos despreocupados.
O hoje que é mais seguro.

E assim sempre de partida
Ora no campo ou na cidade
Amamos a nossa vida
Somos reis da liberdade

(Zurka Sbano, In: PEREIRA, 2009, p.126-127)

RESUMO

O presente trabalho traz uma pesquisa com os ciganos em São João do Paraíso-MA, procurando compreender quem são estes atores sociais que vivem na cidade há mais de 40 anos. Procuo mostrar a nova forma de organização destes nessa cidade, resumida pela expressão “de andadores a moradores”. A partir da pesquisa realizada, pude ver como os ciganos, em uma condição de moradores, buscam uma estabilidade social e respeito moral, algo difícil de se conquistar na condição de andadores, que sempre sofrem preconceitos por onde passam. A pesquisa foi feita com ciganos de duas famílias que moram na cidade, buscando entender o que motivou eles a fixarem moradia, pondo em ênfase que mesmo como moradores eles continuam praticando sua ciganicidade, já que para muitos a definição de cigano está estritamente relacionada ao nomadismo. O principal método de pesquisa foi o uso de entrevistas, com recurso também à observação direta.

Palavras chaves: Ciganos. Nômades. Andadores. Moradores. Grupos étnicos.

ABSTRACT

The present work brings a research with the gypsies in São João do Paraíso-MA, trying to understand whom these social actors have been living in the city for more than 50 years. I try to show the new form of organization of these in this city, summarized by the expression "of walkers to dwellers". Based on the research, I could see how the gypsies, in a condition of residents, seek social stability and moral respect, something difficult to conquer as walkers, who always suffer prejudices wherever they go. The research was done with gypsies of two families that live in the city, trying to understand what motivated them to fix housing, emphasizing that even as residents they continue practicing their ciganicidade, since for many the definition of gypsy is strictly related to nomadism . The main method of research was the use of interviews, with recourse to direct observation.

Key words: Gypsies. Nomads. Walkers. Residents. Ethnic groups.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01 - Mapa de Localização da cidade de São João do Paraíso-MA.....	30
---	-----------

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DOS CIGANOS E DISPERSÃO PELO MUNDO.....	18
2.1 Representações Sociais e Perseguições aos Povos Ciganos.....	22
2.2 Diversidade dos Povos Ciganos.....	23
2.3 Os Ciganos como um Grupo Étnico.....	24
2.4 Ciganos no Brasil.....	25
2.5 A Invisibilidade dos Ciganos no Brasil.....	27
3 CIGANOS EM SÃO JOÃO DO PARAÍSO – MA.....	30
3.1 Contexto da Pesquisa: São João do Paraíso-MA.....	30
3.2 Primeiros Contatos com as Famílias Ciganas.....	32
3.3 Histórico dos Ciganos na Cidade.....	33
3.4 História dos Ciganos por eles mesmos.....	37
3.5 Fixação e Expansão dos Ciganos na Cidade.....	39
4 DE ANDADOR À MORADOR.....	42
4.1 Ser Andador: O Passado Nômade.....	42
4.2 Estamos “Moradores”.....	44
4.3 Tradições e Culturas Ciganas Presentes na Cidade.....	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICE I.....	54

1 INTRODUÇÃO

A presença dos ciganos em São João do Paraíso-MA, cidade na qual resido, foi algo que sempre me inquietou. Desde pequena escuto falar sobre os ciganos. Muitos dos comentários eram cheios de preconceito e outros apenas os classificavam como povos de costumes nômades ou como povos de fora (como não sendo da cidade). Aos poucos eles foram se casando com pessoas da cidade e acabaram fixando moradia. Para muitos, os ciganos na cidade são pessoas valentes, que não têm medo de briga, e que em algumas conversas podiam começar a falar em sua língua e a partir daí, ninguém mais entenderia.

Desde o início da graduação, ao tentar encontrar um tema para a minha monografia e ao citar a presença dos ciganos em minha cidade, o professor Wellington me falava para estudá-los. Mas confesso que tinha certo receio. Pelo fato de estar tão próxima desse objeto de estudo formulei pré-conceitos a respeito destes. Para muitos colegas de curso e também para o professor Wellington era medo de me aproximar dos ciganos. Quando cheguei na disciplina Estágio Curricular Supervisionado IV, ainda não havia me decidido a respeito do tema da monografia, pois eu queria algo que me entusiasmasse. Como participava do LATPOR (Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Territórios populares e suas representações), o professor Wellington sempre me indicava trazer um tema a respeito da minha cidade, e passei dias olhando para minha realidade para tentar encontrar um tema que despertasse um problema das Ciências Sociais.

Assim ao procurar um tema de pesquisa na cidade em que resido, voltei a pensar nos ciganos, pessoas que são tidas como diferentes pela população em geral e até mesmo por mim. Um fato que me motivou por pesquisá-los foi um dia em que uma cigana falou que ela sabia falar a língua nativa mas seu filho ainda pequeno não, algo que me fez pensar ainda mais sobre a inserção e assimilação destes na sociedade paraense² e sobre a cultura cigana. Percebi a partir dali a diversidade cultural em que a sociedade brasileira está imersa, entendi que os ciganos adentram tal diversidade, e tal diferença se constituía culturalmente.

Dessa forma, como as Ciências Sociais estudam diferentes grupos e as suas distintas formas de organizar a vida social, de perceber a realidade e vivê-la, construindo conceitos de

¹ Estágio curricular supervisionado IV, disciplina curricular do curso de Ciências Sociais, última disciplina de estágio, onde soma-se estágio nas instituições e a nota final é obtida com a conclusão de uma monografia, trabalho este que é requisito para obtenção de título de licenciado em Ciências Sociais.

² Paraense; pessoas naturais ou habitantes de São João do Paraíso-MA.

suma importância para sua compreensão, produzindo reflexões acerca da diversidade presente em nosso dia a dia, percebi que estudar os ciganos seria extremamente pertinente. O estudo sobre este tema me despertou o interesse, percebendo a diversidade cultural existente no Brasil e a relevância de estudar essa temática, tanto como campo de pesquisa (para a academia, o desenvolvimento científico) como para contribuir no combate ao preconceito. Só entenderemos as lógicas e valores de cada cultura a partir do estudo das mesmas.

Quando se fala em ciganos, logo temos a representação de pessoas que lêem mão, comerciantes e até mesmo tranbiqueiros. As mulheres ciganas estão intimamente ligadas as danças, e no geral todos são considerados nômades. Suas histórias de origem e suas práticas culturais são para muitos desconhecidas. Existe assim uma representação de que estes são diferentes. Mas, afinal, o que são os ciganos? De onde vieram? Esta é um dos questionamentos, que mais me fez seguir com esta pesquisa.

A cultura cigana até então, apesar de ter ciganos quase que vizinhos (na cidade de São João do Paraíso, no estado do Maranhão, onde moro e realizei a pesquisa para esta monografia), só me eram apresentados em filmes e novelas, tendo eu a representação da cultura destes povos resumida a dança e a leitura de mãos. Quando percebi o fato destes terem uma língua, costumes, tradições e rituais tão próprios da sua cultura, percebi uma riqueza sociológica bem próxima a mim.

Este trabalho visa trazer informações acerca deste grupo étnico destacando sua presença no sul do estado do Maranhão e como a cultura cigana se apresenta nesse contexto. Opto neste trabalho por dar voz a estes atores, onde estes possam falar sobre seus modos de vida, tradições crenças e formas de se organizarem. Os ciganos talvez seja o grupo étnico no Brasil menos conhecido e pesquisado³ apesar de ter aumentado estudos na graduação e pós-graduação sobre estes. Eles ainda são os que tem menos políticas assistenciais. A maioria das pessoas desconhecem estes povos e acham algumas vezes que nem cultura estes tem.

Frans Moonen (2011) destaca as visões errôneas sobre os ciganos em nossa sociedade, onde estes são percebidos como ladrões, trambiqueiros e vagabundos. Pude perceber essas representações agindo no meu campo de pesquisa. O autor ainda ressalva que os ciganos são

³ O Movimento Cigano está ensaiando seus primeiros passos: existem várias organizações ciganas mas apenas com atuação local ou regional, e nenhuma que representa todos os ciganos brasileiros. Somente em 2006 o governo instituiu o dia 24 de maio como o Dia Nacional do Cigano, mas esqueceram de informar a imprensa e os estabelecimentos de ensino, como também os próprios ciganos. Sem exagero algum, pode-se afirmar que os ciganos constituem a minoria étnica menos conhecida, e talvez por isso mais odiada e discriminada do Brasil. (MOONEM, 2011, p.5)

sempre os indesejáveis onde estão, sendo, desde o início da sua história, mandados embora de onde estão. O não conhecimento e os preconceitos acerca dos ciganos e sua cultura me fez querer pesquisá-los, este grupo que é tido para muitas pessoas da cidade como bêbados e valentes que não tem medo de briga, atitude clássica daqueles que o costume de temer e discriminar os que são diferentes (LARAIA, 2004).

O presente trabalho nasceu para entender um grupo que pertence as minorias, onde estes são invisíveis na sociedade e sua cultura é estigmatizada, percebendo como a identidade destes grupos está relacionada a uma série de preconceitos e estereótipos. Minha pesquisa ocorreu com os ciganos que estão hoje em dia numa condição de “moradores” na cidade de São João do Paraíso. Procurei compreender as razões que fazem com que um grupo que se identifica como nômades assumam a condição de moradores. E o que levaram estes a fixarem moradia, fazendo-os mudarem de andadores para moradores.

Assim, no primeiro capítulo trago o contexto histórico dos ciganos, do surgimento as migrações e as perseguições sofridas, quando e o porquê vieram para o Brasil, e a definição dos ciganos como um grupo étnico. Trago alguns pesquisadores sobre os Ciganos, que me ajudaram entender mais sobre esses povos, tais como Frans Moonem (2011), Patrícia Goldfarb (2010), Mirian Souza (2013), Erisvelton Sávio Melo (2008), Rodrigo Teixeira (2007) e Cristina da Costa Pereira (2009). Parto ainda dos conceitos de etnicidade de Barth (1978), onde este define grupos étnicos, e também para mostra que as fronteiras dos grupos são mantidas pelo próprio grupo, mesmo após mudança nas diversas relações (como ocorre com os ciganos que estão hoje em dia em uma condição de moradores). Abordo também o conceito de estigma de Goffman (2004), para falar das interações entre não ciganos e ciganos. Utilizo ainda Weber (1999), quando este discute as relações comunitárias étnicas, para discutir sobre origem e crenças comuns entre os ciganos.

No segundo capítulo intitulado *Ciganos em São João do Paraíso-Ma*, vem o contexto da pesquisa: um histórico da cidade e dos ciganos que nela residem, desde a fixação à expansão deles, buscando mostrar o que os motivou a fixarem residência naquele lugar, já que eles eram nômades. Também trabalho com referências como Nobert Elias (2000), para falar da relação entre moradores e ciganos na cidade.

No terceiro capítulo cujo título é *De andador a morador*, apresento os ciganos fixados como moradores, o porquê dessa mudança de condição (antes era “andador”) e as narrativas sobre o passado nômade, já que esse modo é entendido por estes como fator marcante na vida dos ciganos. Trago ainda os costumes e tradições ciganas presentes na cidade, discutindo as

mudanças que houveram e trazendo alguns dos seus costumes. E por último, as considerações finais, onde procuro amarrar algumas conclusões a respeito da pesquisa.

Desta forma a partir de pesquisas nas bibliografias disponíveis a respeito destes, e pesquisa de campo com os ciganos que residem na cidade, procurei entender quem são estes; o que é ser cigano e como estes continuam praticando sua ciganicidade em uma condição de moradores da cidade de São João do Paraíso-MA. E por que estes decidiram mudar de nômades (andadores para moradores).

A metodologia utilizada neste trabalho foram entrevistas abertas, com a utilização de questionários (veja apêndice 1) que se destinam a levantar informações por parte dos sujeitos entrevistados. Onde entrevistei alguns ciganos das famílias que residem como moradores na cidade de São João do Paraíso-MA, para entender um pouco mais da história destes, e observações feitas a partir das entrevistas e do contato com as famílias ciganas durante as abordagens. A partir dos dados coletados foi feita uma análise, com uma perspectiva sócio antropológica, tendo como referência os autores já citados acima.

2 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DOS CIGANOS E DISPERSÃO PELO MUNDO.

Ciganos, Roma⁴, entre outras denominações que estes povos receberam. Os povos assim chamados ciganos, tem sua origem rodeada de incertezas, narrativas, hipóteses e lendas a respeito de onde e como estes povos surgiram, e o que levou estes a migrarem. Não havendo nada escrito, e nem documentos que narrem sua história, sua tradição e língua é transmitida pela oralidade. Os pesquisadores da temática não tem chegado a um consenso sobre a origem dos ciganos, pela confusão proposital que eles, como informantes, fazem em seus relatos (PEREIRA, 2009).

O que se sabe são especulações, mitos e histórias acerca de seu surgimento. Os próprios ciganos, se perguntados sobre suas origens, poderão trazer várias versões a respeito.

A origem dos ciganos foi sempre cercada por uma rede de diversos mistérios, gerando um grande número de lendas e fantasias. Tais como a de serem descendentes de Adão com uma outra mulher, antes de Eva; ou de serem descendentes de Caim, filho de Adão e Eva que assassinou Abel sendo marcado e banido para uma vida de perseguição. Ainda, surgem como os ingratos que não abrigaram a sagrada família cristã (Maria, José e Jesus) durante a fuga para o Egito, narrada nos primeiros livros do Novo Testamento da Bíblia Sagrada. Sendo os mesmos responsáveis pela confecção dos pregos que pregaram a Jesus no madeiro. (MELO, 2008, p.40.)

Há assim várias narrativas a respeito do surgimento destes povos. Destaco como estes tem as suas origens muitas vezes relacionadas a uma vida errônea, preconceito que os ciganos sofrem até os dias atuais: são relacionados à Caim (que matou o irmão na história bíblica), aqueles que não foram hospitaleiros com a “sagrada família” (Jesus, Maria e José) aos escultores dos pregos da cruz de Jesus Cristo, e que por isso foram condenados a viverem andando pelo mundo. Se pesquisarmos mais, poderemos ver mais histórias e especulações a respeito destes povos, que por terem costumes diferentes sofrem preconceitos. Cristina da Costa Pereira (2009) autora importante na literatura ativista cigana, ressalta em seu livro um comentário do ciganólogo francês Vaux de Foletier, que afirmou que só faltou apresentarem os ciganos como extraterrestres, caídos de qualquer planeta sobre a Terra.

Mas, de acordo com Frans Moonem (2011), a história destes povos não vai muito além de um milênio. Existem documentos de um monge grego, de 1050, no qual o imperador de Constantinopla solicita a ajuda de feiticeiros e adivinhos chamados Adsincani, e estes seriam os antecedentes dos ciganos. Sendo este o primeiro registro conhecido a respeito dos povos

⁴**Rom**, substantivo singular masculino, significa homem e, em determinados contextos, marido; plural **Roma**; feminino **Romni** e **Romniá**. O adjetivo **romani** é empregado tanto para a língua quanto para a cultura.

ciganos, e esse nome um dos primeiros nomes utilizados. Daí em diante estes começam a migrar e a receberem diferentes nomes por onde passavam.

No início do Século 15 estes “ciganos” migraram também para a Europa Ocidental, onde quase sempre afirmavam que sua terra de origem era o “Pequeno Egito”. Hoje sabemos que esta era então a denominação de uma região da Grécia, mas que pelos europeus da época foi confundida com o Egito, na África. Por causa desta suposta origem egípcia passaram a ser chamados “egípcios” ou “egitanos”, ou *gypsy* (inglês), *egyptier* (holandês), *gitan* (francês), *gitano* (espanhol), etc. Mas sabemos que alguns grupos se apresentaram também como *gregos* e *atsinganos*, pelo que também ficaram conhecidos como *grecianos* (espanhol antigo), *tsiganes* (francês), *ciganos* (português), *zingaros* (italiano). (MOONEM, 2011, p. 10-11)

Muitos ciganos, quando perguntados de onde vieram, contam ter surgido no Egito, onde na verdade seria a região da Grécia. Mas, o que temos concretamente são incertezas e múltiplas histórias de origem, algo muito presente no grupo cigano que acompanhei para essa pesquisa.

Os ciganos ou Roma, ainda foram chamados por outros nomes:

Na Holanda a denominação inicial de “*egyptier*” desaparece a partir do Século 16 e utiliza-se apenas a denominação “*heiden*” (pagão), denominação então comum também na Alemanha. Hoje em ambos os países sua denominação é “*Zigeuner*”. Na França ficaram conhecidos também como *romanichel*, *manouches* ou *boémiens*. Em vários países foram confundidos com os *tártaros*, mongóis da Sibéria e Ásia Central. Todos estes termos são denominações genéricas que os europeus naquele tempo deram a estes misteriosos e exóticos imigrantes. (MOONEM, 2011, p. 10)

Os vários nomes recebidos por estes povos foram denominações dadas por não-ciganos em cada país que passavam, não se tendo as denominações deles mesmos. Essa indefinição em relação à origem dos ciganos provocou uma grande variedade de nomes para se referir a eles (PEREIRA, 2009). O termo cigano foi dado a estes no século XVI, segundo Frans Moonem (2011), um termo inventado, talvez por falta de um melhor.

Como se apontou acima, os ciganos tiveram supostas origens na Grécia, Egito, mas de fato, apenas especulações sem nenhuma comprovação. A partir de estudos da língua ciganas, alguns pesquisadores chegaram a seguinte conclusão sobre a origem destes povos:

Todas essas explicações carecem de dados científicos convincentes e só sobrevivem até o século XVIII, quando, por meio da etnolinguística, Stephan Valyi provou ser o *romani* – a língua dos ciganos, que é somente oral – aparentado ao sânscrito. Os etnólogos e antropólogos reforçaram a teoria da Índia como terra de origem dos ciganos, comparando o modo de vida, a capacidade espiritual (superstições de signos ocultos e cabalísticos), trajes ofícios (músicos, ferreiros e adivinhos) e caracteres físicos dos ciganos com os da tribo nômades que há no Noroeste da Índia, os *laubadies*. Ainda por se comprovarem a casta e o grupo étnico a que pertenciam, de que região eram originários e as razões que os fizeram migrar. (PEREIRA, 2009, p.23)

A partir daí a origem mais aceita sobre os ciganos é está de serem originários da Índia, em que além da língua, também se assemelham na cor da pele, vestimentas, profissões, costumes e com as mulheres utilizando joias e vestidos longos. Mas as críticas também surgiram, pondo em questão se a semelhança com uma língua é fator crucial para se definir sua

origem indiana. Outro dado importante na história dos ciganos é a língua deles, o romani, que também foi fator de preconceitos, pois para muitos era apenas uma forma de enrolarem as pessoas. Só a partir do século XVI começou-se a compreender que se tratava de uma língua verdadeira e que merecia ser estudada (PEREIRA, 2009).

A dispersão deste povo pelo mundo, assim como a origem são assuntos que não foram resolvidos. Várias especulações e narrativas são formuladas a respeito, mas de fato, nada conclusivo.

Existem as mais diversas teorias sobre quando saíram da Índia, mas em geral admite-se que foi somente a partir do Século 10, ou seja, apenas uns mil anos atrás. Ou então, o que é bem mais provável, que ocorreram várias ondas migratórias, em épocas diferentes, talvez até de áreas geográficas diversas, e por motivos dos mais variados. Também não se sabe como eles então se identificavam a si mesmos, ou como eram identificados pelos outros, e provavelmente nunca o saberemos. Os próprios ciganos nunca deixaram documentos escritos sobre o seu passado e muitos ciganólogos informam que os ciganos, em geral, não têm a mínima idéia sobre suas origens e, o que é pior, nem demonstram interesse em saber de onde vieram os seus antepassados. (MOONEM, 2011, p.12)

Em suma, todas as teorias fantasias, mitos e lendas sobre a origem dos ciganos não passam de mera especulação e não têm nenhuma comprovação. Os que estudam os ciganos (ciganólogos) costumam admitir que os ciganos são originários da Índia. Mas isto também é tudo e, como já dissemos, somente a semelhança linguística na realidade não comprova coisa alguma (MOONEM, 2011).

Os motivos dos ciganos migrarem são poucos esclarecidos, se foram motivos políticos econômicos ou cultural, estes começaram a migrar para a Europa, depois para América, África e depois se encontravam em quase todos os países.

Segundo o padre Renato Rosso: “Se logo depois do ano 1000 os ciganos aparecem na história e no 1500 estão presentes em toda a Europa, pode-se dizer que no início de 1600 estão presentes no mundo inteiro. Daí em diante, o mundo não pode mais escrever a própria história sem levar em conta os ciganos.” (PEREIRA, 2009, p.26)

Os ciganos a partir daí teriam migrado rapidamente e sua presença pode ser notada em vários países, passando a ser um grupo étnico presente no mundo inteiro. Com o passar dos anos, as migrações dos ciganos são forçadas por políticas anticiganas que os mandam embora. A partir de tais perseguições alguns autores costumam afirmar que a crença no nomadismo como uma das características principais da cultura cigana é, de certa forma, errônea, pois as migrações destes povos foram forçadas. Como aponta Mirian Souza em análise a seus interlocutores em sua pesquisa de doutorado:

(...) os ciganos não são nômades e seu deslocamento (leia-se nomadismo) tem como razão a hostilidade que vivenciam desde que deixaram a Índia no século XI. Sublinhei os motivos pelos quais os ciganos migram em direção a Europa e todos eles estão relacionados a algum tipo de perseguição, em geral associada à expansão islâmica. (SOUZA,2013, p.96)

E também Frans Moonem:

Uma das características sempre atribuídas aos ciganos tem sido seu nomadismo, sua vida errante, de modo que muitas vezes ciganos são identificados como nômades, e vice-versa. No Reino Unido, (no Brasil mais conhecido como Inglaterra, embora a Inglaterra seja apenas uma parte do Reino Unido) para fins legais, os juizes da Suprema Corte concluíram em 1967 que cigano era “uma pessoa que leva uma vida nômade sem emprego fixo e sem domicílio fixo”. Logo depois, a *Caravan Sites Act* de 1968 definiu ciganos como “pessoas com um modo de vida nômade, qualquer que seja sua raça ou origem, excluindo artistas viajantes ou pessoas que trabalham em circos viajantes” (Fraser 1992). Ambas as definições jurídicas são totalmente errôneas, porque na Europa, e inclusive no Reino Unido, vivem centenas de milhares de nômades que não são ciganos, não se identificam e nem querem ser identificados como ciganos. E sabe-se que, por motivos diversos, hoje apenas uma minoria cigana é nômade. Por isso, para alguém ser um „verdadeiro “cigano, não há porque exigir que ele tenha uma vida nômade. Ciganos nômades ainda existem, mas muitos hoje são semi-nômades ou sedentários: os nômades viajam regularmente, os semi-nômades (ou semi-sedentários) viajam somente durante parte do ano e ficam em acampamentos fixos ou em casas e apartamentos durante o resto do tempo; os sedentários deixaram de viajar por completo ou viajam dificilmente, mas nem por isso deixaram de ser ciganos. (MOONEM, 2011, p.19-20)

Desta forma estes teriam uma vida nômade por que são obrigados a migrarem. Outro conceito que pode se relacionar a história dos ciganos é o de diáspora, ou seja, dispersão de um povo de forma forçada como ocorreu com os judeus e também com os africanos como apontou os estudos de Stuart Hall (2003), em *Da diáspora- identidade e mediações culturais*. Os ciganos passaram por várias perseguições e assim o nomadismo se tornou – de instrumentos de resistência - uma característica positiva e marcante de sua identidade.

Quanto a crença em uma identidade e a história única acerca destes povos, cabe ressaltar que:

[...] a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser “sagrada”, pois foi “violada” – não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas. (HALL, 2003, p. 33)

Assim pensar em uma unidade para um grupo étnico em diáspora que teve suas histórias cortadas por questões históricas ou ideológicas, buscando assim uma origem comum se torna quase impossível, pois o que temos são várias versões, enquanto os próprios ciganos continuam tendo seus particularismos em suas narrações, enquanto outros agentes buscam homogeneizar diferentes narrativas (SOUZA, 2013).

De fato, não se pode ter certeza de como estes adquiriram tal cultura do nomadismo, mas a vida nômade passou a ser dita por estes como fator identitário para a sua cultura. E qualquer cigano - se perguntado sobre suas tradições -, estando ele sedentário ou não, falara

sobre o nomadismo, como algo que mais os identificam. O nomadismo passa a ser tido por eles não como prejudicial a sua cultura, mas como um fator fundamental para sua sobrevivência como povo (PEREIRA, 2009). O que para muitos faz com que percam suas histórias, eles entendem como uma forma de manter sua cultura.

2.1 Representações Sociais e perseguições aos povos ciganos

Com as migrações vem as perseguições e estigmas a estes povos em vários países. A história dos ciganos é marcada por políticas anticiganas, com leis e decretos que os forçavam a migrarem. Em alguns países da Europa foram tidos como “raça maldita” e “demônios”, sendo associados a mendigos e bandoleiros. A sua língua tida como “estranha”, como um artifício para enganar. Sua dispersão pelo mundo se deu muitas vezes de forma forçada e as vezes também por vontade própria, mas o que se pode evidenciar é que estes povos sofreram ao longo dos anos, políticas anticiganas que os forçavam a mudarem de lugares. (Cf. PEREIRA, 2009).

Ao longo do tempo, em vários países da Europa, vigoraram leis e conceitos vexatórios e discriminatórios, em relação aos ciganos. Na Alemanha, no século XV, se atribuíam supersticiosamente aos ciganos as epidemias e calamidades. Na França de 1427, a primeira medida do bispo de Paris foi a excomunhão e expulsão dos ciganos, sob acusação de serem bruxos. Na Dinamarca, em 1585, se ordenava executar o chefe de qualquer grupo cigano tão logo fosse capturado, e a tribo deveria ser expulsa do país, em seguida. Na Inglaterra em 1562, uma lei prescrevia que os ciganos não teriam direito sequer a se refugiar nas igrejas e santuários, algo que não se negava em países cristãos a nenhum delinquente. Esta Lei vigorava, também, na Espanha de Felipe V. (PEREIRA, 2009, p.30)

O século XX não foi fácil para os ciganos, pois estes novamente passaram por perseguições. Desta vez pelo nazismo e pelo franquismo, onde milhares de ciganos foram dizimados. Na Espanha, durante guerra civil, a guarda civil não dava trégua aos ciganos (entre outros grupos), torturando-os e fuzilando-os (PEREIRA, 2009). O franquismo ocorreu na Espanha, tendo por líder o general Francisco Franco – este movimento foi uma modalidade de fascismo em que os conceitos de nação e raça sobrepõem os valores individuais, sendo exercido de forma ditatorial. O Nazismo sob a liderança de Hitler também seguia esta mesma linha de raciocínio em busca de uma raça pura, o líder nazista provocou o holocausto de Judeus e Ciganos na Alemanha.

Quanto ao nazismo, pode-se dizer que cerca de 600 mil ciganos pereceram nos campos de concentração alemães. Em agosto de 1938, um comandante alemão ordenou que os ciganos fossem tratados como os judeus: esterilizados e proibidos de terem relações sexuais com os que não fossem ciganos. Em 1942, o prefeito de Oberwart proclamou um édito em que determinou o aniquilamento dos ciganos. Em dezembro de 1942, Hitler ordenou o internamento em Auschwitz dos ciganos, e todos os seus bens passaram para o Estado. (PEREIRA, 2009, p.37).

No Nazismo assim como os judeus, os povos ciganos foram considerados uma raça impura. Assim, a história de emigração e migração destes povos é marcada por perseguições, sendo eles povos indesejados em todos os lugares, considerados uma raça amaldiçoada e, por isso, perseguidos e dizimados.

2.2 Diversidade dos povos Ciganos

Os ciganos vão se espalhando por toda a Europa, América e África. Os grupos vão se diferenciando por meio de vivências e culturas diversas, e fica assim mais difícil conceituar cigano, já que existem vários grupos (PEREIRA, 2009).

Do mesmo modo, devemos esperar que um grupo étnico, espalhado por todo o território com circunstâncias ecológicas variadas, apresente diferenças regionais de comportamento patente institucionalizado que não refletem diferenças na orientação cultural. (BARTH, 1998, p 192)

Encontrar uma unidade em meio a tantos grupos, que adquiriram costumes e modos de vida diferentes, com a diversidade nos lugares em que habitaram, onde eles assimilaram tais costumes e modos de vidas diferentes é difícil, mas cabe destacar a estrutura linguística básica- o romani. Percebe-se aí a complexidade que está sobre conceituar os ciganos, mas eles tem uma mesma orientação cultural.

[...] pretende-se mostrar que *cigano* é uma denominação genérica que, indubitavelmente, pressupõe uma unidade, mas é preciso que se destaque que há grupos – rom, caló, sintón e manuche- e subgrupos- kalderash, macwaia(machuaia), lovara, xoraxanó (horanó) etc. – e que tal diversidade caracteriza-se, principalmente, pelo tipo de atividade exercida- caldeiraria, circense, negócios, musical etc. – e pelo convívio com os mais diversos povos do mundo. E sobretudo, vale ressaltar que as diferenças dizem respeito mais a aspecto formais do que essenciais. (PEREIRA, 2009, p.11-12)

Ou seja, o nome cigano vem só para tentar encontrar esta unidade em meio a tantas diferenças. Dentro desta unidade há uma complexidade ainda maior, de grupos e subgrupos. Uma verdadeira diversidade. Os ciganos se distinguem em três diferentes grupos que são: Rom, Sint, Calón.

1. Os **Rom**, ou Roma1, que falam a língua *romani*; são divididos em vários sub-grupos, com denominações próprias, como os Kalderash, Matchuaia, Lovara, Curara e outros. São predominantes nos países balcânicos, mas a partir do Século 19 migraram também para outros países europeus e para as Américas.
2. Os **Sinti**, que falam a língua *sintó*, são mais encontrados na Alemanha, Itália e França, onde também são chamados Manouch.
3. Os **Calon** ou Kalé, que falam a língua *caló*, os “ciganos ibéricos”, que vivem principalmente em Portugal e na Espanha, onde são mais conhecidos como Gitanos, mas que no decorrer dos tempos se espalharam também por outros países da Europa e foram deportados ou migraram inclusive para a América do Sul. (MOONEM, 2011, p.13)

Estes são os três principais grupos ciganos, mas existem outras dezenas de subgrupos, espalhados pelo mundo. Grupos estes que estão presentes no Brasil também. Outra característica que contribui ainda mais para esta diversidade é o nomadismo e a sedentarização. Os ciganos podem ser definidos entre nômades - que não tem lugar fixo - e sedentários - que tem casas e hoje estão em uma condição de “moradores”.

2.3 Os ciganos como um grupo étnico

Enquanto para muitos os povos ciganos não tem uma história, uma pátria, eles estão resistindo e continuam a praticarem sua cultura e a se definirem como ciganos. Mas afinal o que são os ciganos? Para muitos pesquisadores os ciganos são somente um aglomerado de grupos, divididos entre si, sem nenhuma coesão, sem história, sem cultura (PEREIRA, 2009). Os ciganos são assim, apesar de toda complexidade:

Apesar de todas estas dificuldades, baseando-nos na definição antropológica de *índio* adotada no Brasil, definimos aqui **cigano** como ***cada indivíduo que se considera membro de um grupo étnico que se auto-identifica como Rom, Sintí ou Calon, ou um de seus inúmeros sub-grupos, e é por ele reconhecido como membro***. O tamanho deste grupo não importa; pode ser até um grupo pequeno composto de uma única família extensa; pode também ser um grupo composto por milhares de ciganos. Nem importa se este grupo mantém reais ou supostas tradições ciganas, se ainda fala fluentemente uma língua cigana, ou se seus membros têm características físicas supostamente „ciganas “. (MOONEM, 2011, p.21) (Grifos do próprio autor)

Os ciganos são assim um grupo étnico e a sua etnicidade é confirmada pela União Romani Internacional, reconhecida pela ONU a 28 de fevereiro de 1979 (PEREIRA, 2009).

Partindo da definição de Barth, sobre o que é um grupo étnico.

1 perpetua-se biologicamente de modo amplo,
 2 compartilham valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais,
 3 constitui um campo de comunicação e de interação,
 4 possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo. (BARTH, 1998, p.189-190)

Neste sentido, a partir da definição dos ciganos como uma categoria étnica, de pertencimento a um determinado grupo, que compartilhem valores e crenças, costumes e um sistema de comunicação entre si. Desse modo os ciganos se conhecem e firmam sua identidade cultural, e a identidade social do grupo, denominando-se ciganos ou pertencentes há algum subgrupo, compartilhando valores culturais e identidades comuns entre eles.

Os ciganos compreendem grupos específicos e distintos do ponto de vista cultural, grupos que se pensam e são pensados como diferentes, embora no imaginário nacional sejam representados através da ausência de raízes e de uma liberdade exacerbada, fruto de representações que os ligam ao nomadismo. (GOLDFARB, 2010, p.165)

No imaginário nacional, os ciganos ainda são um mistério, um grupo de pessoas que vagam por diferentes lugares, não tendo raízes e nenhuma história única e confirmada de como e onde eles surgiram, um povo que para muitos é uma incógnita.

Os ciganos sendo nômades puderam, ao longo dos anos, coabitar em diferentes países, e isso gerou diferenças entre os grupos. Estes, ao longo destas passagens, passaram por diversas perseguições, por terem suas marcas culturais como tabus para a sociedade.

Uma forma extrema de posição minoritária exemplificando alguns – mas não todos – os traços das minorias, é o dos grupos párias. Estes são grupos que são rejeitados de forma ativa pela população hospedeira, em razão do comportamento ou certas características inegavelmente condenadas, se bem que frequentemente utilizáveis em um plano prático específico. Grupos párias europeus dos séculos mais recentes (os carrascos, os negociantes de carne e couro de cavalo, os coletores de esterco humano, os ciganos etc.) ilustram muitos desses traços: como rompedores de tabus básicos, eles foram rejeitados pela sociedade em geral. (BARTH, 1998, p 217)

Os ciganos como um grupo que é socialmente e culturalmente divergente da população em geral, acaba causando repulsão na maioria das pessoas, e relações interétnicas são marcadas por estereótipos. Onde os ciganos é um grupo étnico portador de costumes e hábitos diferentes, algo que gera preconceitos. Portanto, a etnia é um marcador da diferença.

2.4 Ciganos no Brasil

As políticas anticiganas mais uma vez marcam a vinda destes para o Brasil, pra onde foram mandados quando expulsos de Portugal. Frans Moonem(2011), ressalta que os ciganos são indesejados em todos os lugares que passam, e assim são mandados embora por políticas anticiganas, feitas por leis que obrigam eles a irem embora. Os países europeus mandam os ciganos para as suas colônias da América e da África, como faziam com todos aqueles que consideravam escória social, por serem improdutivos e perturbadores de sua organização social (PEREIRA, 2009).

Em 15 de abril daquele ano, foi expedida comunicação de Lisboa para o governador de Pernambuco, apoiando-se no decreto já mencionado de Sua Majestade. Informa-se o embarque de ciganos para aquela capitania, mas parte dos quais deveria ser remetida depois para o Ceará/Brasil, e outra parte para Angola/África. Também devia-se tomar cuidado para que nenhum cigano ficasse em Pernambuco, e aos governadores do Ceará e de Angola recomendou-se que não deixassem os ciganos retornar a Portugal, nem permitissem o uso de sua língua, chamada também de geringonça. (TEIXEIRA, 2008, p.16)

Assim, sendo colônia de Portugal, eles eram mandados para o Brasil. Já em terras brasileiras, eles chegam com os estigmas⁵ que carregavam na Europa: ladrões, de língua estranha (que era uma forma de enrolar as pessoas), e por isso lhes puseram sob vigilância.

Assim, disseram, assim fizeram. O primeiro cigano a chegar ao Brasil foi João Torres, em 1574, na condição de degredado, acompanhado de mulher e filhos. Ele veio chefiando outras famílias de ciganos. As mesmas leis, decretos e alvarás que os perseguiram em Portugal acompanharam e reprimiram seus passos no Brasil Colônia. Do século XVI ao século XVIII, foram chegando outras levas de ciganos em Portugal que se constituíram em comunidades na Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e em Minas Gerais. (PEREIRA, 2009, p.32-33)

Segundo Rodrigo Corrêa Teixeira (2008) os primeiros ciganos deportados para o Brasil foram para o Maranhão, que tinha por objetivo colocá-los longe dos principais pontos da colônia. Após alguns anos, outros estados brasileiros passam a recebê-los também.

As deportações de ciganos portugueses continuaram pelo menos até o final do Século XVIII, e eram enviados cerca de 400 ciganos para o Brasil anualmente. A presença cigana podia ser notada em vários estados brasileiros, tais como: Ceará, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. E, o que se podia também notar é que os ciganos eram sempre os indesejados pelos lugares que passavam.

Também estes receberam um prazo de 24 horas para sair da cidade. Ou seja, trata-se da velha política de “mantenha-os em movimento”: Minas Gerais expulsa seus ciganos para São Paulo, que os expulsa para o Rio de Janeiro, que os expulsa para Espírito Santo, que os expulsa para a Bahia, de onde são expulsos para Minas Gerais, etc. Ou seja, o melhor lugar para os ciganos sempre é no bairro, no município ou no Estado vizinho; ou então no país vizinho ou num país bem distante. (TEIXEIRA, 2008, p. 19)

Percebe-se que ocorre no Brasil, o mesmo que ocorriam pelos lugares onde os ciganos passavam: eles eram mandados embora, indesejados, odiados e discriminados. Mas aos poucos eles vão se fixando e resistindo no país, mudando de cidade e estado, até conseguir um lugar para viver.

Os ciganos então passam a viver no Brasil e praticar as mais diversas profissões, e a praticarem a leitura de mãos em praças, sendo muito comum a vinculação destes povos a ladrões e assassinos, o que de fato nada se tem provado. Não se tem muitos dados históricos a respeito dos mesmos, mas pode-se destacar a sua presença no Brasil desde a colônia, e mesmo assim pouco se falam nestes povos e sua importância para a formação do país. Os primeiros ciganos degredados para o Brasil eram do grupo calón, depois vieram outros da Europa, dos grupos sinti e roma.

⁵ Estigma é um conceito de Goffman (2004), é um atributo que diferencia pessoas, grupos de outros, um atributo que é profundamente depreciativo, uma característica que caracteriza alguém nas relações sociais, esse atributo é assim uma “identidade Social”.

A presença cigana no país não é muito notada em livros de história mas pode-se destacar que foram citados em livros de literatura brasileira que trazem alguns dos estereótipos direcionados a estes povos, especialmente aqueles que podemos chamar de positivos: referentes a música, danças, o amor e a liberdade. Dentre eles destaca-se o escritor Machado de Assis (1839-1908), que em seu livro *Dom Casmurro*, descreve o olhar de Capitu – a personagem principal -, com um olhar de uma cigana, relacionando a sedução da mulher cigana, que dança e encanta. Também em outros livros da literatura brasileira é muito comum a citação aos ciganos.

Os ciganos também foram destaque em algumas novelas brasileiras, como “Amor Cigano” (1983) exibida pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), e “Explode Coração” (1995-1996) exibida pela Rede Globo. Pode-se perceber que a presença cigana no Brasil já não passava mais despercebida, estes ganhavam voz e imagem até nas telas de tv.

2.5 A invisibilidade dos ciganos no Brasil

Os ciganos são povos presentes no Brasil desde a colônia, mas pouco se fala nestes povos, sendo que o movimento cigano está ensaiando seus primeiros passos (MOONEM, 2011). Percebendo as diferentes culturas presentes no Brasil, os povos ciganos adentram esta multiculturalidade podendo ser encontrados em todo o território brasileiro. A SEPPIR (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social), por meio da Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais – SECOMT, recentemente reconheceram estes povos e a importância de políticas públicas para os mesmos. Até então, eram uma população presente no Brasil em plena invisibilidade, não aparecendo nos dados do IBGE como uma etnia, sendo ainda esses dados sobre os ciganos incipientes.

No Brasil, quando se fala de minorias étnicas, imediatamente se pensa nos povos indígenas ou afro-brasileiros. Ninguém se lembra dos ciganos. Existem milhares de publicações sobre índios e negros, escritas por antropólogos brasileiros e estrangeiros. Hoje possuímos informações detalhadas e atualizadas sobre quase todos os povos indígenas. (MOONEM, 2011, p.5).

Cerca de 800 mil a 1.000⁶ milhão de ciganos vivem no Brasil, uma população que vive na invisibilidade social e política, e que ainda são discriminados. A imagem que muitos têm

⁶Os dados oficiais sobre os Povos Ciganos no Brasil ainda são muito incipientes. A AMSK-Brasil Associação Internacional Maylê Sara Kali -, analisou os dados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e constatou que em 2011 foram identificados 291 acampamentos ciganos, localizados em 21 estados. Os estados com maior concentração são: Bahia (53) Minas Gerais (58) e Goiás (38). Os municípios com 20 a 50 mil habitantes apresentam a maior concentração de acampamentos. Desse universo de 291 municípios que declararam ter acampamentos ciganos em seu território, 40

dos ciganos é atrelada a vida nômade, e a leitura de mão, para muitos são valentes e por não permanecerem em um lugar só se tornam mais perigosos ainda, podendo cometer crimes e apenas irem embora.

Os ciganos são a minoria étnica mais vulnerável à discriminação nos 27 Estados membros da União Europeia, de acordo com agências internacionais. Considerados "hóspedes indesejados" em diferentes países e continentes, os ciganos convivem secularmente com o preconceito, a estigmatização e a exclusão social, sobretudo por sua recalcitrante mobilidade e por seu modo de vida particular. (MELO, SILVA, 2008, p.2)

Segundo Rodrigo Teixeira (2008), após 500 anos de políticas contra os ciganos o país começa reconhecê-los e estabelecer políticas afirmativas. Somente em 1994 os ciganos passam a ser citados em documentos governamentais e apenas em 2006, no governo do Luís Inácio Lula da Silva, é instituído o dia do cigano, dia 24 de maio. Entretanto percebe-se que a maioria dos brasileiros desconhecem este dia, e até mesmo os próprios ciganos.

Os ciganos se distribuem por todo território brasileiro sendo, nômade, seminômades e sedentários.

Em 2009, pela primeira vez a Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), incluiu uma pergunta sobre a existência de acampamentos ciganos no município e sobre a implementação de políticas públicas voltadas para este grupo da população. A MUNIC 2009 revelou a existência 290 acampamentos ciganos em municípios distribuídos em 21 unidades federativas. Em 2011, em uma nova rodada desta pesquisa, foram identificados 291 acampamentos ciganos localizados, da mesma forma, em 21 unidades federativas. Em 2009 e 2011 a MUNIC revelou uma maior presença destes acampamentos em municípios com população de 20 a 50 mil habitantes, e com uma maior concentração nos estados da Bahia, Minas Gerais e Goiás. (BRASIL,2013, p.3)

Diante disso, percebe-se a crescente da população cigana no Brasil, e estima-se que está ainda pode ser maior, percebendo que há muitos ciganos em condições de moradores, que tem uma residência fixa. Os ciganos como uma etnia vem resistindo há mais de mil anos, mesmo em meio a políticas anticiganas. Vem resistindo culturalmente e sobrevivendo as perseguições e preconceitos que sofreram e ainda sofrem constantemente.

Em 2013 foi realizado em Brasília, o I Encontro Nacional do Povos Ciganos, que tinha por objetivo, juntamente com as lideranças ciganas, comemorar o dia do cigano e proporcionar a estes um espaço político, reunindo as comunidades ciganas e as instituições de poder público federal. Se hoje os ciganos estão alcançando no Brasil essas conquistas, vale assinalar que tudo começou há duas décadas, em 18 de maio de 1987, quando foi fundado no Rio de Janeiro o

prefeituras afirmaram desenvolver políticas públicas para os Povos Ciganos, o que corresponde a 13,7% desses municípios. Em relação à população cigana total, estima-se que são mais de meio milhão no Brasil. (BRASIL, 2013, P.8)

Centro de Estudos Ciganos (CEC) (PEREIRA, 2009). Hoje já há vários núcleos de estudos sobre os ciganos, em outros estados, como o Nordeste.

A partir dessas ações, pode se ressaltar como o movimento cigano está buscando maior visibilidade frente ao Estado, por meio de políticas públicas e contra o preconceito a estes povos, buscando políticas de igualdade deste grupo étnico frente a população em geral. Sendo as políticas públicas para estes grupos quase inexistentes e desconhecidas pelos mesmos, como pude observar no grupo em que pesquisei. Desse modo, outra questão posta é a complexidade destacada por Mello & Silva (2008, p.3), os desafios dos ciganos nas políticas contemporâneas, pois estes “traziam uma demandas qualificada e surpreendente, sobretudo por sua inusitadas formas de organização e de associação, por sua rápida capacidade de mobilização e por sua expressiva articulação internacional, de toda inesperada para o staff do Ministério”.

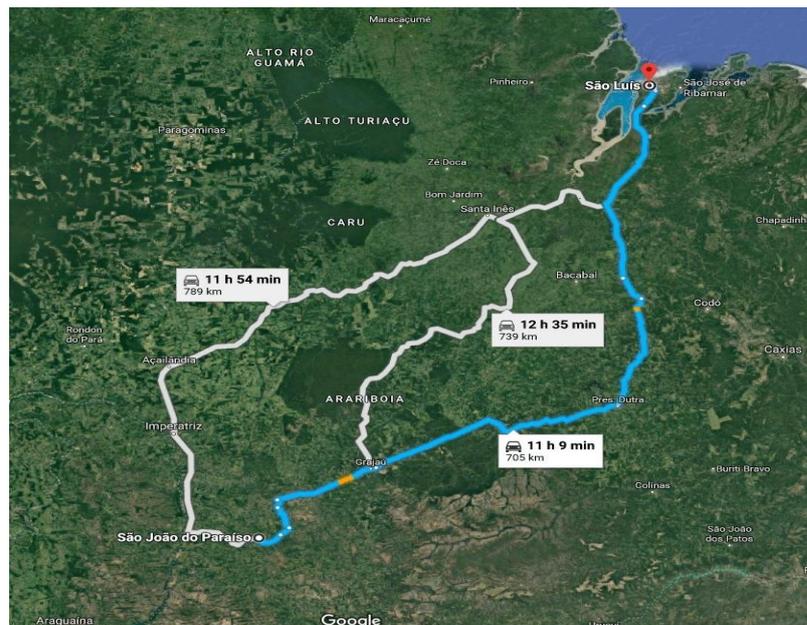
Percebendo que muitos ciganos vivem no Brasil, nos diversos estados brasileiros, a pesquisa que se desenvolveu mostra ciganos presentes em uma pequena cidade no Maranhão. Adentraremos agora no cenário em que a pesquisa se realizou. O capítulo a seguir mostrará a presença cigana na cidade de São João do Paraíso. Para isso, trago primeiro a formação da cidade em que os mesmos se instalaram e a relação de fixação e expansão dos mesmos.

3 CIGANOS EM SÃO JOÃO DO PARAÍSO – MA

3.1 Contexto da Pesquisa: São João do Paraíso-MA

Segundo o Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia- IBGE ⁷ (2017) a população estimada de São João do Paraíso é de 10. 977 habitantes, tendo a área territorial de 2.053,843 km. A cidade de São João do Paraíso localiza-se no Sul do Maranhão, uma divisão em microrregiões desse estado, onde se agrupam dezenove municípios⁸.

Figura 1. Mapa de Localização da cidade de São João do Paraíso-MA.



FONTE:<https://www.google.com.br/maps/place/S%C3%A3o+Jo%C3%A3o+do+Para%C3%ADso++MA,+65973000/@6.4401991,47.1928308,92561m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x92d0e97859d3d7e1:0xd4f3ce0e25a467f3!8m2!3d-6.4110557!4d-46.9028375> Acesso em 15/05/2018.

O Município de São João do Paraíso teve sua origem num pequeno arraial com grandes fazendas, que aos poucos se tornou um próspero povoado. Havia duas grandes fazendas, que levavam um nome de dois santos: “São João” (São João Batista) e “São Sebastião”. Eram separadas por um rio: o rio Lajeado.

Delfino Aguiar, proprietário da fazenda Paraíso, doou terras para que o local se desenvolvesse quando este ainda era arraia em torno de 1946. O arraia Paraíso começou a crescer, e os moradores reivindicaram a criação de uma escola no lugar para o então prefeito de

⁷ IBGE <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-joao-do-paraíso/panorama>. Acesso em 15/05/2018.

⁸ Alto Parnaíba, Balsas, Feira Nova do Maranhão, Riachão, Tasso Fragoso, Campestre do Maranhão, Carolina, Estreito, Porto Franco, São João do Paraíso, São Pedro dos Crentes, Benedito Leite, Fortaleza dos Nogueiras, Loreto, Nova Colinas, Sambaíba, São Domingos do Azeitão, São Félix de Balsa, São Raimundo das Mangabeiras.

Porto Franco, já que o arraia era povoado da mesma. A construção desta escola foi fator preponderante para o crescimento deste lugar. O arraia aos poucos começou a buscar políticas públicas necessárias à população. Uma cidade pequena, marcada pela fé, tendo suas principais festividades em festejos aos santos de devoção. Assim:

Episódio bizarro aconteceu na escolha do santo padroeiro de São João do Paraíso. De um lado do rio o povo queria que o povoado ficasse sob a invocação e proteção de São Sebastião; do outro lado, a força maior opinava que São João Batista deveria ser padroeiro. As divergências cresciam e as opiniões se chocavam sem haver entendimento nem conciliação. Frei João Pedro Maria da Boa Viagem, então vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Porto Franco, e em desobriga, mandou construir uma capela tosca, de palha de palmeira e taipa, do lado de cá do rio, a que chamamos de São Sebastião, e a Prefeitura encomendou e recebeu duas imagens dos santos no dia 25 de maio de 1950. Lá foram, numa grande turma de cavaleiros, acompanhado o padre e as demais autoridades, levando os dois padroeiros. A comitiva foi recebida por mais de cem cavaleiros de Paraíso, todos em montaria, légua e meia antes da entrada do povoado. Ao chegarem, os santos foram retirados da embalagem, benzidos em ritual solene pelo vigário e com uma salva de mais de trezentos tiros de revólver e de outra armas foram saudados os grandes e mais ilustres moradores que chegaram para ficar: São João e São Sebastião. Houve comemoração festiva por três dias. (CARVALHO, 2008, p.339)

A “briga” para a escolha do padroeiro da cidade gerou a escolha dos dois santos para tal honraria e a junção das imagens. Segundo os moradores da cidade, essa união dos dois santos (São João Batista e São Sebastião) foi algo que provocou uma enchente no rio que separa os dois lados da cidade, fazendo com que após alguns dias voltassem a imagem de São Sebastião de volta para o outro lado do rio, e com isso o nível do rio voltou ao normal. Por fim, escolheram que São João Batista seria o padroeiro da cidade. Hoje em dia o lado do rio que está São Sebastião, é o bairro São Sebastião, e sua extensão se dá até a ponte, onde divide a cidade do bairro.

O nome da cidade partiu da fé da sua população, mostrando assim como esta é marcada pela religiosidade. O nome Paraíso adveio de uma das fazendas que foi doada para alguns moradores da cidade. São João pelo padroeiro. Assim o povoado de São João do Paraíso é formado.

Por muitos anos São João do Paraíso foi povoado de Porto Franco-Ma, município vizinho que fica a 48 km da cidade. Os moradores aos poucos foram reivindicando maiores investimentos e em 1996 está se torna uma cidade. A lei de criação do município foi sancionada em 1994.

O município de São João do Paraíso foi criado pela lei nº 6.158, de 10 de novembro de 1994, alterada posteriormente, pela lei 6.570 de janeiro de 1996, decretada Assembleia Legislativa do Estado e sancionada pela governadora Roseana Sarney Murad, publicada no Diário Oficial de 17 de janeiro de 1996, projeto final de autoria do deputado estadual Mercial Arruda. (CARVALHO, 2008, p.340)

Em 1996 aconteceu a primeira eleição para prefeito e vereadores da cidade. O município de São João do Paraíso buscava, sendo município e se desligando de Porto Franco, maiores investimentos em saúde, educação e em outras áreas.

O município ainda tem prósperas fazendas e quase metade da população vive na zona rural, sendo a agricultura uma das principais atividades econômicas da cidade, com destaque para as plantações de bananas. Essa pequena cidade do interior do Maranhão fica a cerca de 800 km da capital, São Luís.

3.2 Primeiros Contatos com as famílias ciganas

Hoje em dia tem dois grupos ou duas famílias de ciganos que moram na cidade de São João do Paraíso-MA. Um grupo (família) está mais concentrado em um só bairro (algo que falarei de forma mais aprofundada). Este primeiro grupo chamarei de família do Bigode. O segundo grupo encontra-se espalhado pelos bairros da cidade e chamarei de família do Tinda. Estes dois nomes soam na cidade como algo que distingue os dois grupos de ciganos ali presentes, sendo esses os principais nomes ou a liderança desses grupos. E foram esses dois ícones ciganos entrevistados durante a pesquisa, cabendo ressaltar que também tive contato com outros ciganos das famílias do Tinda e do Bigode.

O meu primeiro contato com uma família cigana ocorreu no dia 13 de novembro de 2017, quando me dirigi a casa do cigano chamado “Bigode”. Segundo alguns moradores paraísenses, este é o líder da sua família, e de um dos grupos de ciganos que reside na cidade. É considerado por muitos não-ciganos como um cigano que tem muitas amizades pela cidade. Chegando lá, apenas sua mulher e filha se encontravam. Falei sobre meu interesse em pesquisar sobre seu povo e cultura e elas me falaram que eu poderia voltar e que daqui a pouco o Bigode chegava. Quando voltei, o Bigode já estava à minha espera. Ele estava na porta da casa, costume de todos os moradores de cidade pequena quando entardece, junto com seus parentes ciganos. Ele me convida para entrar e fala “Estou importante, vou ser entrevistado”. Me chamou para sentar na área da sua casa, e ao me cumprimentar, me chamava de amiga, e já foi falando que ele era já um pouco novo, e talvez não soubesse todas as histórias a respeito dos ciganos, já que cigano é coisa bem antiga, mas que tinha todo prazer em responder minhas perguntas. Durante a entrevista ele falou com alguns ciganos em sua língua nativa, esta língua eles se referiam como língua cigana não se referindo ela como calon ou chibe(nome dado a língua cigana).

O meu primeiro contato com a família do Tinda, ocorreu dia 21 de Abril de 2018. Me dirigi a casa dele, que fica a uns três quarteirões da casa da família do Bigode. Chegando lá, estava sua irmã e sua esposa sentada na porta, as duas com dentes de ouro, usando saias longas. Chegando, me apresentei e falei que estava fazendo uma pesquisa sobre os ciganos e que gostaria de entrevistá-los. Perguntei sobre o Tinda e ela me falou que ela já estava chegando e que eu poderia retornar, que eles me responderiam, mas antes me perguntou quais perguntas eu ia fazer, pois talvez não soubessem responder. Falei que era mais para saber da cultura cigana, sobre costumes e a origem deles. Então perguntei seu nome: “Maria, mas só me conhecem por Bichinha”. Fui embora e retornei quase uma hora depois. Ao chegar lá, estava o Tinda, sua mulher e sua sobrinha com o marido, também dois netos e sua filha. Me apresentei novamente, e falei do meu interesse em fazer uma entrevista para uma pesquisa de cunho acadêmico. A filha dele logo falou que eu era neta do Mauricio, e ele falou que conhecia muito bem minha família, e que eles o conheciam há muitos anos. A entrevista foi ali mesmo, e as perguntas que eu fazia eram respondidas por ele e alguns parentes dele que estavam ali.

As duas famílias me receberam muito bem e se mostraram muito felizes em falar da sua cultura e do seu povo. Percebi que eles se sentiam como se alguém tivesse reconhecendo a cultura deles, pois até então, os ciganos na cidade eram estigmatizados pela população em geral. Não tinham ninguém tentando ouvi-los, entender sua cultura ou considerar seus costumes como algo positivo. Percebi também que eles buscam ter uma boa relação com os moradores da cidade, os considerando como amigos, buscando assim não criar qualquer tipo de intriga ou briga na que os faça quebrar a sociabilidade criada nesses anos de fixação. Desta forma, as entrevistas foram muito produtivas e tive um maior contato e conhecimento acerca dos ciganos que residem na cidade.

3.3 Histórico dos Ciganos na cidade

Os ciganos começaram a chegar na cidade quando está ainda era povoado do município de Porto Franco-MA. Chamavam a atenção com uma linguagem diferente e com suas vestimentas e adereços exóticos para a população local: cordões de ouro, chapéus, as mulheres com vestidos longos, mulheres e homens utilizavam dentes de ouro. Logo se diferenciaram dos demais habitantes, causando - em um primeiro momento - um distanciamento causado pela estranheza e falta de informação sobre aqueles que chegavam no local. Sendo um município pequeno, a presença dos ciganos poderia desestabilizar a tranquilidade da pequena cidade.

Robert Elias & John L. Scotson em *Os estabelecidos e os Outsiders*, trazem uma etnografia de uma cidade no interior da Inglaterra, onde havia os *estabelecidos* que eram as pessoas que estavam na cidade há muito tempo e os *outsiders*, que eram recém chegados, um grupo de fora, apesar desses dois grupos de pessoas não terem diferenciação racial, étnica ou religiosa havia por parte dos estabelecidos uma constante diferenciação com os recém chegados *outsiders*, onde os atribuíam características ruins, tais como delinquência e violência.

Esta análise de estabelecidos e outsiders se torna pertinente para se pensar a presença dos ciganos na cidade, já que estes – quando recém chegados - também eram *outsiders*, contrapondo-se aos moradores, os estabelecidos da cidade.

Desta forma “repetidamente, contata-se que outsiders são vistos pelo grupo estabelecido como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.27). Isso também ocorre com os ciganos recém chegados na cidade: os moradores os viam com desconfiança, tinham eles como indisciplinados e não confiavam neles. Isso está presente nos depoimentos dos ciganos sobre a sua chegada na cidade e a relação inicial com os moradores.

O primeiro grupo a chegar foi da família do cigano conhecido como Tinda, que ainda reside na cidade. Chegaram no ano de 1960, quando chegaram em São João do Paraíso-Ma, está ainda era povoado de Porto Franco-Ma. Este veio com os pais e irmãos. Quando chegaram na cidade ele ainda era um rapaz de menos de 15 anos, hoje tem mais de 60 anos. Seus pais já faleceram, seus irmãos alguns casaram com moradores e tiveram filhos. Ele teve filhos também - já sendo morador - e sua mulher também é cigana.

Segundo o Tinda, a vinda para a cidade se deu por que venderam suas casas. “Vida de cigano”: vendia e comprava casas, viviam andando até parar nesta cidade. Quando perguntei por que ficaram, me disse que “o Paraíso é muito bom. Muitos ciganos foram embora daqui e estão arrependidos. Aqui é uma terra muito boa”.

Tinda relatou que quando chegaram na cidade sofreram rejeição por parte da população. Segundo o mesmo, quando iam nas casas ninguém os recebia: “ninguém nos dava rancho”. Mas aos poucos foram começando a ter amizades com alguns moradores, que passaram a recebê-los.

Tinda falou ainda sobre a desunião dos ciganos, apontando que hoje em dia alguns deles têm mais amizades com os não-ciganos do que com outros ciganos que ali residem. Ele coloca isso como algo negativo: “cigano devia se unir”. Em uma das entrevistas lembro-me que, quando perguntei sobre a relação de parentesco, sua filha falou: “é porque para morador cigano é tudo parente”. Percebendo assim como os ciganos se dividem em diferentes grupos, apesar da representação geral acreditar em uma heterogeneidade.

Depois veio a família do cigano conhecido como Barbudo, família esta que já foi embora da cidade, assim como muitas outras. Mais tarde veio a família do cigano conhecido como Bigode. Este chegou a cidade após a emancipação da mesma. Vivendo no local há cerca de 20 anos, Bigode veio para a cidade com seus pais e irmãos, hoje está com mais de 45 anos de idade, é casado com uma mulher cigana e teve filhos já estando morador. Segundo o próprio, “a vinda para a cidade foi a passeio e decidimos ficar por ser uma cidade boa”. Ao questionar a que grupo cigano pertencia, o Bigode falou ser “cigano, cigano mesmo”, não reconhecendo ser de nenhum dos grupos étnicos como Calon, Rom ou Sinti. Mas se autodomina cigano.

Mais tarde, em um encontro que não foi marcado (já que a cidade é pequena e é muito comum o encontro com eles), um cigano parente do Tinda falou que era “Cigano Calon”. E ainda contou ser parente de ambos os ciganos que residia na cidade e que todos os ciganos que residiam nesta cidade são calon. Algo que não foi destacado nas entrevistas, onde estes apenas se declaravam ciganos.

Sobre a chegada na cidade o Bigode declarou que quando chegaram os ciganos tinham uma má fama. Todos achavam que os ciganos eram ladrões, trambiqueiros e a população em geral tinha receio deles. Disse ainda que aos poucos foram vendo que eles não eram assim, que antes não podiam entrar em uma loja porque ninguém confiava neles, mas isso hoje mudou. Segundo o Bigode, “isso ocorria por que os ciganos de primeiro daqui entravam no comercio e roubavam tudo. E hoje isso já mudou, graças a Deus”.

A partir da fala do Bigode cigano, pode-se ver como ele retira de seu grupo, de si, as acusações que são postas aos ciganos na cidade, ele passa então a acusação para os outros ciganos, retirando de si tais estereótipos muitas vezes direcionadas ao seu grupo, esta estratégia de retirar os estigmas de si, é apontada por Conceição (2008).

A esses sujeitos (ou grupos) especificamente são endereçadas todas as acusações que são ou podem ser remetidas à coletividade, como uma estratégia de purificação da imagem. Chamo essa prática de reendereço do estigma. (CONCEIÇÃO, 2018, p.259)

Reedirecionar o estigma, é uma forma de retirar de si aquilo que marca de forma negativa e limpar a moral, e criar uma outra moral frente a sociedade. Afim de buscar uma nova construção de uma identidade étnica (aos ciganos) como pessoas boas, que não tem os estereótipos atribuídos a maioria dos seus.

Muitos ciganos já foram embora, como é o caso da família do barbudo, e segundo os moradores da cidade, muitos outros ciganos já estiveram na cidade. Dos que estiveram e dos dois grupos que ainda estão, apresentam-se distinções. Não mantem entre si vínculo algum, seja

de parentesco ou de amizade. Apesar de estarem no mesmo município, não costumam manter relações entre si.

Há assim um desacordo entre os grupos estudados. Para muitos autores, os ciganos apresentam uma desunião entre si, e não se unem como povo, afim de formarem uma unidade só (MOONEM,2011). Mirian Alves de Souza (2013) aborda este desacordo fundamentalmente como resistência à unificação e à construção de narrativas comuns, pois cada grupo de ciganos divergem em si, em costumes. O grupo da família do Bigode não lê mãos, segundo ele “Tem ciganos que lê, mas nós não mexemos com isso não”. Já o grupo do Tinda, segundo o mesmo, desenvolve tal prática. Podemos assim destacar uma grande diversidade e que há muitos desacordos entre si, de concepções e de costumes.

Percebendo a presença cigana na cidade, “a ação comunitária assim originada costuma manifestar-se, em geral, de modo puramente negativo, como diferenciação ou desprezo, ou, ao contrário, com medo diante dos patentemente distintos” (WEBER, 1999, p.267). Há então um certo desprezo pelo diferente, onde se formulam representações sobre os ciganos, que os afastavam mais ainda de firmar relações próximas com a população local da cidade. Outra observação feita por Elias e Scott ajuda a entender meu contexto de pesquisa:

Ao mesmo tempo, a evitação de qualquer contato social mais estreito com os membros do grupo outsider tem todas as características emocionais do que, num outro contexto, aprendeu-se a chamar de “medo da poluição”. Como os outsiders são tidos como anômicos, o contato íntimo com eles faz pairar sobre os membros do grupo estabelecido a ameaça de uma “infecção anômica”: esses membros podem ficar sob suspeita de estarem rompendo as normas e tabus de seu grupo; a rigor, estariam rompendo essas normas pela simples associação com membros do grupo outsider. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.27)

Pode-se observar que a relação *estabelecidos-outsiders* ajuda a compreender a relação entre moradores e ciganos na cidade, pois quando estes chegaram o contato era evitado por moradores, como relatado pelo cigano Tinda, onde segundo este, *ninguém os recebia*, sendo apontados como ameaça a organização e manutenção da calma do lugar, uma ameaça anômica.

Há desprezo e até medo por parte da população paraisense, pois os ciganos carregam consigo os estereótipos que tem desde as perseguições na Europa, onde são considerados bandidos, trambiqueiros e vagabundos (MOONEM,2011). Na cidade estes tinham os mesmos estigmas, sendo apontados como responsáveis por todos os roubos que aconteciam na cidade. Quando entravam em uma loja sempre, tinha um funcionário que ficava olhando e acompanhando eles. Também eram considerados valentes que não tinham medo de briga, e que quando um entrava numa briga, todos os outros ciganos também entravam.

Outro conceito que nos ajuda a entender esta relação entre ciganos e moradores é o de estigma, um conceito de Goffman (2004), que é um atributo que diferencia pessoas, grupos de

outros, um atributo que é profundamente depreciativo, uma característica que caracteriza alguém nas relações sociais, e esse atributo é assim uma “identidade Social”. Goffman, destaca três tipos de estigmas sociais que são: Os voltados as “abominações do corpo”, os das “culpas de caráter individual”, e por último os de “raça, tribo, nação e religião”.

O estigma é assim um atributo depreciativo, adquiridos através de estereótipo. Sendo as representações sobre os ciganos estereotipadas, na cidade de São João do Paraíso eles sofreram e ainda sofrerem preconceitos por parte da população local. Sendo estes indesejáveis, marcados por estereótipos que os ligam a uma vida errônea, são vistos como uma “ameaça” a tranquilidade do lugar e, por isso, muitos das vezes são mandados embora.

Desta forma os ciganos sofrem o estigma de “raça, tribo, nação ou religião”, ou seja, por serem um grupo étnico de cultura e costume diferente, carregam consigo o estigma referente, sofrendo preconceitos. Ter uma língua diferente, praticar a quiromancia e o nomadismo é tido como uma vida errada. Esses grupos são rejeitados de forma ativa pela população hospedeira, em razão do comportamento ou de certas características inegavelmente condenadas (BARTH, 1998). Pude perceber na fala dos ciganos entrevistados o estigma e estereótipos remetido a estes povos na cidade, e como quando chegaram na cidade eles sofriam ainda mais, que aos poucos eles foram fixando-se e tendo uma relação maior com a população local, fato que fez com que eles criassem uma relação de “amizade” com os moradores da cidade.

3.4 História dos ciganos por eles mesmos

Entender quem são os ciganos foi uma das primeiras inquietações que eu tinha quando comecei ler sobre esses povos. Eu queria uma resposta sobre o que é ser cigano, de onde vieram e quem são esses povos que já estão na cidade há muitos anos. Assim, apesar de ter feito todo um levantamento afim de entender a história deles, busquei ouvir deles mesmos, dar fala para esse atores, percebendo como este trazem e difundem o conhecimento sobre seu povo.

Por estarmos lidando com um grupo étnico sem território delimitado, tendo sua sobrevivência garantida pela língua (e dialetos) e pela tradição que traz dentro de si enraizada, no que ela tem de mais essencial, não importando as variantes aparentes, pode-se perceber que cada cigano é um universo. (PEREIRA, 2009, p. 14)

Cada cigano traz um universo de conhecimento dentro si. Dando voz a eles sobre a história deles poderei compreender melhor suas tradições, costumes e sua cosmologia. Entender como eles se enxergam, principalmente por serem povos que tem na oralidade todas as suas

histórias e os conhecimentos acerca da sua cultura. Uma das minhas perguntas era: “o que é ser cigano?”. Segundo o Bigode:

Cigano é uma tradição cigana, a família cigana vem dos mais velhos e continua nos mais novos, e nunca acaba o nome cigano. Tem muita mistura agora: o rapaz que casa com uma moça moradeira. Têm muitas ciganas que casam com moradores. Eu sou cigano e minha mulher também, já as noras não são ciganas.

Já o Tinda afirmou que “Cigano é tipo uma nação. Por que tem os índios, moradores... morador que nos fala é vocês (Se referindo a mim). Aí, tem os ciganos”. Uma sobrinha do Tinda complementa que “cigano é uma tradição”.

Definir os ciganos é uma inquietação de muitas pessoas e até mesmo da população local, que se questiona quem é essa gente de costumes tão diferentes de uma língua tão estranha. Por meio de imagens estereotipadas, pícaras e folclóricas tentam definir quem são os ciganos (PEREIRA, 2009).

Entender eles por eles mesmo é buscar entender como definem sua identidade e o que eles entendem por cigano. Desta forma, é interessante a definição dada pelo Tinda, onde os coloca como pertencente a um grupo étnico, buscando a exemplificação aos índios para entender que eles também são um povo, grupo, assim como os índios e como a população local. Já a definição dada pelo cigano Bigode remete a tradição e ao sangue, que vem se passando de geração para geração, se remetendo a um costume que vem do passado e apesar das misturas existentes entre ciganos e não ciganos ainda continua viva.

Outro ponto importante é a origem desses povos. Percebendo que a história dos ciganos é repleta de narrativas a respeito de onde vieram, cada cigano pode assim trazer uma versão a respeito, como apontou Pereira (2009). Desta forma, busquei ouvir deles mesmos a respeito da origem dos povos ciganos. De acordo com o Bigode:

Cigano é assim. ele... como é que eu digo... ele é negócio dos velhos. Ele é do Egito. Aí, veio para o Brasil, ficaram no Brasil e gostaram. Ai, o cigano é assim... Que andava muito de jumento pelos sertões. A vida deles era andar. Aí era assim: a mulher paria e o filho e já ia pra cima do jumento, caminhando já, caminhando pelo mundo. Não tinha local certo para eles não. Sobre as tradições, a tradição cigana mesmo... Por que hoje em dia a gente está morador. De primeiro, os ciganos usavam aquelas saias cumpridas, a roupa toda florada, que o pessoal gostava (Bigode)

De acordo com o Tinda, “O natural dos ciganos é do Egito. Eu não conheço o Egito. Só por nome”.

Boa parte dos ciganos afirmam que sua terra de origem é o Egito, mesmo que muitos deles nem saibam onde fica o Egito (PEREIRA, 2009). Também pude confirmar que, apesar de dizerem ser do Egito, eles não conhecem, e que eles escutam dos mais velhos que vieram de lá

e passaram a andar pelo mundo. Dessa forma, as narrativas de uma origem e de modos de vida nômade funcionam como uma forma de definir o grupo.

A lembrança de uma vida andando é algo presente na história contada pelos dois ciganos entrevistados, em que surgem no Egito e se dispersam pelo mundo. Andaram até pararem no Brasil. Relacionam a vida cigana a uma vida de andar pelo mundo, sem moradia fixa e sem destino.

Assim se auto definem estes ciganos, como pertencedores de um grupo de pessoas que surge no Egito e se dispersa pelo mundo. Há nas falas narrativas a tempos passados, “uma crença comunitária em uma origem comum, tal crença pode ser considerada como fundamental para a definição do grupo étnico” (WEBER, 1999, p.270). Os ciganos assim se auto identificam - e são identificados pela população em geral - como portadores de uma identidade social diferente, não territorializados, onde estes, apesar de não terem território, definem suas fronteiras de pertencimento a este grupo (BARTH, 1998).

3.5 Fixação e expansão dos Ciganos na cidade.

Quando os ciganos chegaram na cidade eles se fixaram em bairros que não tinha nenhuma casa, em que eles estavam sendo os primeiros moradores, sendo esses bairros periféricos, longe do que na época poderia se considerar o centro da cidade.

Deste modo, percebe-se que o local que eles vão se fixar na cidade, eram bairros distantes da população em geral, e que carregava consigo a marca cultural sendo por alguns anos chamado de “setor dos ciganos” ou “bairro dos ciganos”. A família do Bigode, quando chegou aqui, foi morar no “Setor Castro”, como é conhecido hoje o bairro onde eles fixaram moradia. Este bairro quase não tinha moradores, e para muitos, foram os ciganos os primeiros moradores do bairro. Chegando aqui, a primeira casa da família de Bigode foi um barracão, logo depois construíram uma casa. De acordo com o próprio:

Na época que eu cheguei aqui esse bairro... foi mais eu que construí ele. Ajudei muito, fiz várias casas. Quando cheguei aqui, morava em uma barraca. Comprei um terreno e comecei construir e vender.

Sua fixação em uma residência não demorava muito. Ele construía uma casa e vendia. Coloco aqui ele construía pois normalmente eles trabalham na obra, como apontou o Bigode: “Quando vamos construir uma casa, nos mesmos somos os pedreiros”. Com as vendas das casas o “setor dos ciganos”, começava a se ter moradores vindos das outras partes da cidade.

Hoje ele fixou moradia em uma casa só, segundo ele “foi desejo da minha mãe, essa casa eu tirei pra não vender”. A organização da sua família no bairro é algo que me chamou atenção. Pois segundo ele:

Nesse bairro moram todos nossos parentes, por que minha mãe quer nós todos pertos, se vendo. Até hoje minha mãe faz a comida para todos. Meu irmão sai da casa dele pra vir comer aqui. Aqui são 4 irmãos, meu pai, minha mãe e os filhos. Mais de 20 ciganos, quase 40. (Bigode)

Uma outra indagação que tinha era saber o porquê deles residirem nesta cidade. Segundo o Bigode foi por ela ser uma cidade boa, e que não pretende ir embora. O Bigode é natural do Piauí. Segundo ele, sofreu muito trabalhando desde pequeno. Seu pai já morou em acampamento, mas ele mesmo não. Já passou por muitos lugares até chegar em São João do Paraíso.

Os familiares do Tinda, quando chegaram também fixaram-se em um bairro que simbolizava o fim da cidade. Compraram um terreno e construíram sua casa, começaram a construir casas e a vender: “Morei em vários bairros, porque quando eu fazia um ‘baraquim’ e achava um dinheirinho a mais vendíamos. Fiz mais de 15 casas. Fui aquietando até me tornar morador (Tinda).

A emancipação da cidade tem 21 anos, ou seja, o seu crescimento também se deu com a fixação e expansão dos ciganos no seu território. Eles foram se fixando e expandindo ao tempo que o município foi se formando e firmando como cidade. Assim, os ciganos são pessoas presentes desde a sua formação, por isso o Bigode e o seu irmão Cabeludo receberam o título de “cidadão paraisense”, pelas contribuições com a cidade. A partir das relações que foram traçadas na cidade, eles se sentem como grandes contribuidores da mesma. Tanto o Tinda como o Bigode ressaltaram que contribuíram para o crescimento da cidade, principalmente pelas casas construídas.

Com o passar dos anos os ciganos foram se fixando e começando ter uma relação maior com os habitantes da cidade, começaram a ter casamentos entre ciganos e Gajon⁹, e talvez seja este um dos fatores que somou para a maior fixação deles na cidade. A união interétnica entre Gajon e ciganos mostrava como os últimos estavam fixando-se e como a união e a relação deles com a cidade tornava-se mais amigável, mas cabe ressaltar que não a ponto de eliminar os preconceitos, estereótipos e estigma.

Os ciganos começaram a ter uma maior rede de relações com os moradores locais, dando seus filhos para os gajon ou Jurin (Moradores) tidos como amigos serem padrinhos. Esta relação

⁹ Gadjé, Gajon do roamani (Língua cigana), não ciganos.

pode também ser ressaltada como algo que ajuda na fixação dos grupos na cidade, esses já estão mais inseridos na cidade. Fixando-se e expandindo-se, pode se perceber que eles não estão querendo mais partir do lugar, mas criar laços. Ressalto que não é uma relação de apadrinhamento com pessoas “amigas” pertencentes a burguesia, como foi apontado nas relações interétnicas entre índios e cidadãos, num mecanismo de classe como apontou Oliveira (1976). Mas sim a fim de criar laços de união na cidade. O compadrio teria sua grande eficácia como um ritual que liga as famílias em deveres e fé, trazendo também uma maior interação interétnica positiva. Cria-se então uma sociabilidade entre ciganos e Gajons, e apesar de não acabar com os preconceitos, faz com que esses passem a estar na cidade de forma pacífica, buscando aos poucos se tornarem moradores.

Os dois ciganos entrevistados colocam que hoje tem muitos amigos na cidade, e que são bem conhecidos na mesma, e que desde que chegaram aqui passaram a ter relações de trocar com os moradores, ou seja, troca de animais, casas ou automóveis. Apesar de não se considerarem bons comerciantes, eles eram conhecidos na cidade como trocadores.

Percebi nas entrevistas que os ciganos tem a fixação relacionada ao fato de ser São João do Paraíso uma cidade boa, ou seja, que apesar dos preconceitos sofridos no início e de alguns que ainda persistem, eles tiveram nesta cidade a oportunidade de recomeçar uma nova vida, trabalhar e mostrar para a população que cigano só é diferente culturalmente, e que todas aqueles preconceitos tidos por muitos - que os faziam ser expulso dos muitos lugares que passaram - são imagens negativas criadas sobre os povos ciganos que não correspondem a verdade.

A cidade também se torna atraente para eles por ser uma cidade pequena, mas que também é onde que eles tiveram oportunidade de construir uma estabilidade financeira. Eles criaram uma rede de sociabilidade com os moradores, mas mesmo estando moradores eles continuam praticando sua ciganicidade, como veremos no próximo capítulo.

4. DE ANDADOR À MORADOR

4.1 Ser andador: O passado nômade

“Nossa casa era o chapéu, só andando no meio do mundo.” Tinda

No Mini dicionário de Língua Portuguesa Aurélio, os ciganos são designados como um conjunto de populações nômades que têm, em comum, a origem indiana e uma língua (o romani), originária do noroeste do subcontinente indiano (FERREIRA, 2007).

A definição de cigano os colocam como povos nômades, povos que migram de forma voluntária. Mas que cabe ressaltar também que muitas migrações foram impostas, por perseguições e leis. No imaginário da maioria das pessoas, cigano está intimamente ligado ao nomadismo, algo muito marcante na sua cultura. Hoje os ciganos podem ser nômades, seminômades e sedentários. Mas a experiência do nomadismo é tida por eles como marcante em suas histórias.

A experiência do nomadismo tem o poder de autenticar a ciganidade, mas isso não significa dizer que o nomadismo seja considerado um fator determinante da etnicidade cigana. Sem que seja um elemento decisivo na demarcação da fronteira étnica, ele é valorizado com um diacrítico cultural. (SOUZA, 2013, p.151)

A experiência do nomadismo é relatada pelos ciganos como algo muito importante na sua cultura. Há por parte dos ciganos um auto reconhecimento como andadores, mesmo estando eles fixados em moradias, “lembranças” de quando todos os ciganos viviam andando pelo mundo. Um fator que tem um poder enorme e os identifica como cultura de nômades, e os autenticam como um grupo.

[...] em virtude de semelhanças no *habitus* externo ou nos costumes, ou em ambos, que, em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que está se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva. (WEBER, 1999, p.270)

A lembrança do passado de andadores funciona como algo identitário a cultura cigana, e esta passa a ser propagada por eles como fator cultural próprio aos ciganos, uma forma também de se firmar como grupo, desta forma o nomadismo torna-se algo importante para identificação e autenticação da ciganidade.

Todos os ciganos falam sobre o passado nômade, estando ele morador ou não. O nomadismo é explorado pelos ciganos que quando pensam em uma origem e uma dispersão pelo mundo logo se remetem ao nomadismo.

O passado nômade é requerido como elemento identitário, construído através da memória e das narrativas que exploram episódios bíblicos, recursos importantíssimos para a construção da coletividade cigana e do sistema de representações sociais que permitem uma visibilidade social, bem como o estabelecimento de suas especificidades culturais frente a sociedade não cigana. (GOLDFARB, 2010, p. 171).

Desta forma o passado nômade é algo que marca a cultura cigana, e é capaz de construir seus modos de vida. As duas famílias falaram que antes de fixar moradia, viviam andando, e os dois relembram esta definição e esse fato da vida nômade, eles recorrem a narrativas contadas para falar sobre a sua cultura.

As duas famílias, tanto a do Tinda como a do Bigode, informaram que viviam andando antes de fixarem moradia na cidade. Segundo o Bigode, seu pai já viveu em acampamento e ele morou em algumas cidades. Tinda falou que até chegar na cidade que mora não tinha endereço fixo: *Nós não morávamos não, nossa casa era o chapéu, só viajando no meio do mundo. Viajando pelo mundo de animal, comprando, vendendo e trocando.* Isso também foi ressaltado pelo Bigode: “cigano é assim, que andava muito de jumento pelos sertões. A vida deles era andar, era assim: a mulher paria e o filho já ia pra cima do jumento, caminhando já, caminhando pelo mundo. Não tinha local certo para eles não”. Algo que o Bigode enfatizou nas primeiras entrevistas é que “ser cigano é ser andador”.

Com base nas falas, podemos perceber o nomadismo valorizado nas duas famílias. Eles relembram dessa prática como fator que marca sua cultura e sua história. Quando o Tinda fala que *“nossa casa era o chapéu”* se remete a tal objeto como a única coisa fixa sobre suas cabeças, pois eles não tinham uma casa, uma morada permanente.

Por muitos anos viveram andando, segundo os entrevistados. Bigode coloca que não morou em acampamento, mas que viviam viajando e que em algumas cidades que iam, moravam em casas. Mas seu pai viveu em acampamento. O Tinda lembrou que seu pai era chefe de um grupo de ciganos, que viviam andando. Eles relembram do passado nômade e de como viveram o nomadismo em prática. Trazem consigo as lembranças desta tradição, costume que é tido por eles como marca que mais os identificam como uma cultura diferente das outras.

No contexto do cidade, já moradores, eles costumavam se mudar muito, construía casas e vendiam. Como apontado pela Mirian Souza, a mobilidade pode ser a prova empírica do nomadismo, dada pelas mudanças no contexto do próprio bairro (SOUZA, 2013).

A definição de cigano está relacionado a vida de andador, algo que marca sua origem e dispersão pelo mundo. O passado nômade é algo recorrente no processo identitário aos ciganos, eles quando falam sobre o que é ser cigano já remetem a essas características deles. Acreditam

inclusive que sua origem está no nomadismo, pois assim eles se espalharam pelo mundo, vieram para o Brasil e para a cidade em que vivem.

4.2 Estamos “moradores”

“Por que hoje em dia a gente está morador” Bigode.

Percebendo que cada cultura tem uma lógica própria e as mudanças que ocorrem, mostram como a cultura não é estática, está sempre em mudanças (SANTOS, 1987; LARAIA, 2004). Por muitos anos, os ciganos viviam uma vida andando pelo mundo, e como já apontado, por onde passam geralmente são indesejados e sofrem preconceitos. Passavam pouco tempo no lugar, pois muitas vezes eram expulsos. Diante das dificuldades de uma vida andando, dos preconceitos e na busca por uma vida mais estável estes mudam de andadores, essa mudança de padrão de vida em grupos étnicos é apontado por Barth (1988), onde este destaca que;

[...] Vimos vários exemplos de como indivíduos e pequenos grupos, em razão de circunstâncias políticas e econômicas específicas em suas antigas posições e em meio ao grupo assimilador, podem eventualmente mudar sua localidade, seu padrão de subsistência, sua forma de alinhamento político, ou pertença a um grupo familiar. (BARTH, 1988, p.208)

Eles mudam de andadores (nômades) em razão de tais circunstâncias. O “estar morador” aparece como uma condição de estabilidade social, buscando um valor, uma moral e também não correr riscos de vida, pois como já apontado, a cultura cigana resistiu as várias formas de violências imposta pelo preconceito às minorias étnicas. Desta forma os ciganos mudam e vão se adaptando ao lugar que estão vivendo.

Desta forma, pode-se perceber a mudança de andador a morador não como perda da cultura cigana, mas sim como mudança, algo comum quando se fala de cultura, já que ela não é estática, mas sempre está em movimento (LARAIA, 2014). Desta forma os ciganos que hoje residem em São João do Paraíso-Ma, apontam estar em uma condição de moradores, ou seja, fixados em moradias.

Os ciganos costumam chamar moradores os outros, as pessoas que tem endereços fixos, a população local, e eles ainda costumam considerar essa definição as pessoas que residem na cidade. Morador é uma categoria nativa aos ciganos, que eles utilizam para designar pessoas que tem endereços fixos nas cidades. O Bigode ao definir morador, fala que “morador é vocês”, se referindo a mim. O Tinda, em uma das entrevistas colocou “*Jurin é morador, é vocês, quando queremos falar de algum morador falamos aquele Jurin, que quer dizer morador*”.

A mudança de andadores para moradores é apontado pelos ciganos entrevistados como algo positivo. Eles começaram a buscar por essa organização social a fim de ter melhores condições de vida e também pelo sofrimento que uma vida nômade tinha, como pôde ser apontado.

Conforme o Bigode aponta “Eu acho, que os ciganos de primeiro sofriam muito, era caminhando pelo mundo, e hoje todo mundo é proprietário, tem casa, tem carro, tem dinheiro”. Quando questionei sobre a vida nômade e a vida como morador ele colocou que “Eu acho que é por que de primeiro os ciganos não se importavam. Só queriam andar pelo mundo, e hoje tem filhos. Tem cigano doutor, tem cigano vereador, tem tudo”.

Eles apontam que estando moradores os ciganos conseguiram alcançar cargos importantes, e que tem uma maior visibilidade social, ocupando posições e espaços que antes não ocupavam.

Segundo o Tinda “quando viemos para o Paraíso ficamos moradores e fomos plantar roça. Trabalhei em fazendas, plantando”. Tinda relata como era difícil a vida de nômade: “porque nós viajávamos demais, pegando chuva, passando fome, pedindo rancho nas casas e o povo não dava. Sofríamos muito preconceito, as pessoas não queriam receber-nos”.

Os dois relatam as dificuldades que passaram em uma vida andando, e que a vida como moradores trouxe uma estabilidade maior, uma tranquilidade e oportunidades tais como de emprego. Também, como apontou uma cigana parente do Tinda. de *poder colocar os meninos na escola*. Estando moradores, ainda, é possível conquistar uma maior estabilidade financeira e uma vida mais tranquila, não passando mais tantas dificuldades como pôde se evidenciar nas falas acima.

Essa é uma das grandes mudanças apontadas por eles na cultura cigana, como destaca o Bigode “De primeiro os ciganos eram de jumentos, agora são de carro e motos”. Eles apontam o estar morador como uma mudança que ocorreu em sua cultura, pois antes a vida dos ciganos era andar pelo mundo.

Para justificar essa mudança, Bigode argumenta:

Como moradores conquistamos um valor maior do que quando andávamos pelo mundo. Olha, é só falar aqui quem é o bigode cigano que todo mundo conhece. Quando cheguei aqui e entrava dentro das lojas os donos falavam para as empregadas “ei olha lá os ladrões”, nos chamavam de ladrões. Aquilo ali estava quase me matando.

Tinda também apresenta algumas vantagens: “Estando moradores estamos em uma situação muito melhor, nos agora comemos no horário antes não”.

Os dois apontam o estar morador como possibilidade de terem uma vida melhor, e que estando moradores puderam ter esta possibilidade realizada, e que aos poucos foram

conseguindo ter um maior respeito quanto a sua identidade étnica, um respeito que não tinham quando viviam andando por vários lugares. Acreditam que aos pouco vem conquistando mais ainda esse respeito frente aos preconceitos que os povos ciganos sofrem. A fixação como moradores possibilitou assim uma mudança na vida deles, enxergada de forma positiva. Na sua imagem também: os ciganos passam a ser conhecidos não como ladrões, trambiqueiros, mas sim como pessoas que são diferentes mas que também são cidadãos.

As moradias em que os ciganos estão fixados são casas construídas, algumas com cerâmicas, outras não, algumas muradas outras não, casas grandes, que não se destacavam muito no bairro por ser luxuosa, mas se assemelhavam as outras casas de moradores que ali residem. Quanto a profissão dos ciganos que residem nesta cidade, eles continuam comprando e trocando, e outros trabalham plantando em suas terras, e vendendo animais como cavalos.

Desta forma mesmo estando moradores eles continuam firmando sua identidade étnica, sendo conhecidos no município por ciganos. Na cidade, o Bigode é conhecido por “Bigode cigano” e o Tinda por “Tinda cigano”. Eles mudaram de andadores para moradores, mudando um traço cultural que os marca. E tal fato mostra como a cultura muda, ela não é estática. Pode-se evidenciar ainda que eles mudam um traço cultural mas não deixam de se sentirem menos ciganos por isso, já que as fronteiras de pertencimento ao grupo é o próprio grupo que define (BARTH, 1998).

4.3 Tradições e culturas ciganas presentes na cidade.

“Somos ciganos, ciganos mesmo”. Bigode

Os ciganos que residem em São João do Paraíso falam das mudanças que aconteceram em alguns dos seus costumes, o primeiro apontado foi o de “estar moradores”, já que se entendiam nômades. Consideram também que passaram por tantos outros processos de mudança cultural. Mas ressaltam suas tradições, enfatizando que estas passam dos mais velhos aos mais novos, afirmando assim sua persistência apesar das mudanças ocorridas. Vale ressaltar que

[...] a identidade étnica afirmava-se por sua persistência através do processo de mudança cultural, marcando sua continuidade por mais aculturado que estivesse o grupo indígena em questão (como bem puderam ilustrar os grupos indígenas Terêna citadinos”. (OLIVEIRA, 1976, p.15)

Portanto, mesmo em uma condição de moradores os ciganos - que neste caso também são citadinos-, percebe-se a persistência em afirmar sua identidade étnica. Como apontado por

Fredrik Barth(1998), são os próprios membros que define suas fronteiras de pertencimento ao grupo. Contudo, os ciganos mesmo passando por alguns processos de mudança cultural, mantêm costumes e tradições. Enfatizo que

O fato de estarem morando em casas em bairros e endereços fixos não anulou o modo específico de lidarem com o espaço. Conseguimos ver os valores do passado reproduzidos nos ritmos do cotidiano, numa reatualização de um modo de viver, de fazer, de ser plural e, assim, de não se anular nas reivindicações de normas civis da sociedade envolvente. (MEDEIROS, BATISTA, GOLDFARB, 2013, p.84).

A partir das entrevistas e dos contatos com os ciganos pude ver como a cultura deles está presente na cidade. Os ciganos mantêm na cidade uma união de grupo, de ser plural, os da família do Bigode por exemplo moram no mesmo bairro sendo vizinhos, em um bairro composto por ciganos e não ciganos, só que suas casas são todas próximas. Algo que possibilita que quase todos os dias todos se reúnam. Isso ajuda a compreender como mesmo estando moradores eles tem modos e maneiras ciganas de lidarem com o espaço, de se organizarem na cidade, de manterem a união do grupo, de resolver seus problemas, onde continuam com rituais que marcam sua tradição, e que eles mantêm.

Sobre a organização das casas da Família do Bigode, ele destaca: “Nesse bairro moram todos nossos parentes, por que minha mãe quer todos por perto, se vendo. Até hoje minha mãe faz a comida para todos, meu irmão sai da casa dele pra vir comer aqui”. Ressalta que eles moram no mesmo bairro e na mesma rua. Eles ainda preservam o costume de manter-se perto uns do outros, apesar de cada irmão do Bigode ser casado, ter filhos e até netos, eles preferem morar próximos. E encontrarem-se diariamente.

Os da família do Tinda também mantêm esse contato. Segundo o mesmo, é um costume deles no café da manhã - algumas vezes - reunir todos, até os que estão casados com moradores. É uma forma de manterem a união. O Tinda mantêm tal costume só com os filhos e noras, já que seus irmãos já se casaram e vivem fixados em bairros distantes.

Não há uma religião própria dos ciganos que todos obrigatoriamente sigam. São eles na maioria católicos, mas tem exceções. Percebi isso quando entrei na casa do filho do Bigode e lá avistei uma foto de um pastor protestante. Mas alguns familiares do Bigode se mostraram muito católicos e devotos de Santos. Sua casa era repleta de imagens de santos. Foi na sua casa onde se iniciou as rezas do mês de Maria¹⁰, mostrando assim a sua devoção. Segundo o Tinda, sua família também é católica.

¹⁰ No mês de Maio, pela igreja Católica se realiza o mês de devoção a Maria, onde se rezam o terço pelas casas. Onde o terço é composto por Pai nossos e ave maria, rezados frente a imagem de Maria.

Algo que marca a cultura cigana é a família, algo muito importante para eles, por isso eles mantêm bastante contato entre si. Segundo Pereira (2009). Este é o elemento central da vida cigana, é na família que suas tradições, costumes e língua são passadas e eles tem muito respeito por todos esses ensinamentos. As crianças e os mais jovens tem muito respeito e atenção por todo o conhecimento da cultura cigana que é ensinada pelos mais velhos.

As festas ciganas segundo eles, são todas grandiosas sendo alguns moradores também convidados. Gostam de música sertaneja. Suas festas podem durar até um dia inteiro. Essas festas têm muita comida e também gostam de soltar foguetes. Um costume que cabe destacar é o luto. Na cultura cigana o luto é marcado por um sentimentalismo. “O culto dos mortos é uma área sagrada para os ciganos e revela que este é um povo com forte sentido de religiosidade” (PEREIRA, 2009, p.75).

Conforme destaca Pereira (2009) há três momentos marcantes na vida dos ciganos: nascimento, casamento e morte. Pude comprovar que eles tem modos, rituais específicos para esses momentos, que marcam profundamente a vida cigana.

O luto, segundo o Tinda: *Quando alguém morre, vende a casa. Antigamente nem os objetos se queriam, quebrava jogava fora. Hoje já mudou. Se tivesse cordão de ouro jogava no poço, o relógio, até o dinheiro.*

De acordo com o Bigode “no luto, a gente fica muito sentido. Aquelas coisas de casa não servem mais. Se quebra ou vende e a casa também se vende. Por que fica vendo como se a pessoa estivesse todo dia ali. Os ciganos antigamente queimavam tudo”.

Pude perceber assim que eles tem um enorme respeito a este culto, costume que ainda persiste na cidade. Em vez de queimar as coisas, eles não querem mais, quebram ou apenas deixam largadas, e mudam-se de casa. O Bigode relatou que recentemente uma parente dele morreu e que o filho que morava com ela mudou-se de casa e não quis nada que ela tinha em bens materiais.

A Língua cigana, ainda é muito utilizada por eles na cidade, em uma das minhas entrevistas, eles falaram que desde muito cedo as crianças aprendem a falar. No momento da entrevista havia um neto da Tinda de mais ou menos 2 anos de idade, que segundo eles já estava falando a língua cigana. As duas famílias mantêm a tradição da língua, todas as crianças, jovens e mais velhos sem exceção falam a língua cigana, algo que pode ser visto em qualquer momento quando eles se reúnem ou quando eles estão em algum lugar da cidade. Presenciei isso enquanto ocorria a entrevista, que algumas palavras em simples rodas de conversa eram pronunciadas na língua cigana. Eles costumam falar que todos sabem falar a *linguagem cigana que cigano já*

nasce com um dom de falar esta linguagem. Desta forma, a língua cigana é tida como elemento fundamental em sua cultura, algo que é tido por eles como natural a sua existência.

Outro costume que pude perceber entre os ciganos é o uso dos dentes de ouro, que ainda é uma prática mantida pelos mais velhos que aqui residem. Eles dizem gostar de ouro. Os mais novos, desde pequenos, usam cordões e anéis de ouro. Assim, o costume de gostar de ouro ainda é mantido e repassado. Durante as entrevistas vi algumas ciganas com dentes de ouro, tanto na família do Tinda quanto do Bigode.

De acordo com o Bigode “É uma tradição dos ciganos, por que todo cigano gosta de ouro, eu mesmo tinha e tirei”. Algo também afirmado pelo Tinda: “Os ciganos quando nasceram, todos gostam de ouro, antigamente todos usavam dentes de ouro, eu mesmo tinha todos os meus dentes de ouro, e as mulheres também usam brincos ou cordão de ouro”.

Segundo meus informantes, os trajes e roupas ciganas antigamente eram as mulheres de vestidos longos e os homens com chapéu de couro e botas, e que hoje em dia, quase não usam mais. Apesar da fala deles, percebi que as mulheres mais velhas utilizavam em sua maioria vestidos ou saias longas e que as mais novas já não utilizavam, como foi apontado na fala do Bigode e do Tinda.

Os dois ciganos entrevistados colocam que na cidade não tem um chefe dos ciganos, e que esse costume já quase não tem mais, mas que antes havia. Conforme destacou o Bigode: *de primeiro tinha o chefe, mas agora acabou, hoje como tá meus irmãos aqui quem comanda aqui é eu, primeiramente Deus né? segundo é eu. Tem hora que dou um grito, aí todos me escutam.*

Essa liderança também foi apontada pelo Tinda: “Meu pai era o chefe dos ciganos. De primeiro era uma turma de 40. Hoje, eu sou o chefe apenas da minha família”.

Conforme as falas, os ciganos que estão na cidade relatam que uma liderança de grupo - como existia em tempos onde os ciganos viviam andando- não se tem mais e que hoje em dia os ciganos que vivem como moradores e com suas respectivas famílias tem uma pessoa que é considerada o “líder” da família, sendo uma pessoa que todos respeitam e que seja capaz de manter uma ordem do grupo familiar. Alguém que todos respeitem e que possam seguir seus conselhos. Os dois informantes se colocam como “chefes” das suas respectivas famílias.

Sobre a relação entre moradores e ciganos eles colocam que tem vários amigos moradores, sendo seus filhos afilhados de moradores, e apontam a relação com os demais cidadãos como uma relação marcada pela amizade. Algo que eles tem muito orgulho de falar é que são conhecidos na cidade inteira. Sobre o casamento entre ciganos e não ciganos, segundo eles hoje já é algo comum, já que se tem muitos casamentos assim. O Tinda apontou que hoje

há muitas liberdades, pois antigamente estes casamentos não eram permitidos, e que hoje sim. Na sua família mesmo tem vários filhos casados com moradores.

O Bigode também apontou que esse tipo de casamento era proibido: “Sou casado com uma prima minha, não tenho nada contra minha filha ser casada com um morador”. Percebi que o seu filho também era casado com uma mulher não-cigana.

A partir das falas percebi que na cultura cigana antigamente era proibido o casamento entre ciganos e gajons, e que os casamentos na maioria das vezes ocorriam no mesmo grupo de ciganos. A liberdade da qual o Tinda fala é porque hoje não se impedem o casamento entre ciganos e gajons, e hoje na cidade existem vários ciganos casados com moradores.

Assim como o idioma todos os ensinamentos e conhecimentos da cultura cigana são transmitidos oralmente para as gerações mais novas. Achei interessante a filha do Tinda saber as histórias sobre o povo cigano, assim como seu neto que ali estava presente, mostrando que mesmo em uma condição de moradores eles ainda continuam praticando sua ciganidade, já que tanto a filha como o neto já nasceram na cidade. Cabe ressaltar que as famílias estudadas na cidade ainda continuam praticando a língua cigana, costumes e tendo uma organização social de grupo muito persistentes.

Desta forma mesmo estando moradores, eles continuam praticando seus costumes e modos específicos de lidarem com o espaço e com a vida, continuam lidando com costumes e tradições, tendo suas crenças, as tradições e a língua são respeitados e persistem se auto denominando ciganos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho me propiciou um maior conhecimento e uma maior contato com o povo cigano e sua cultura, já que residio em São João do Paraíso e nunca mantive qualquer relação com eles. Tinha total desconhecimento acerca da história desses povos. Estudar os ciganos foi importante tanto como acadêmica - que me inseriu no campo dos estudos de uma minoria étnica presente no Brasil desde a colônia- quanto como moradora da cidade - que tinha uma certa distância e preconceitos sobre esses povos.

As entrevistas e os momentos em que estive em contato com as famílias ciganas me fizeram ver a riqueza cultural do seu povo, que sofreu e ainda sofre preconceito. Passei a ter um outro olhar sobre esses povos que estão nessa cidade e sobre a resistência cultural.

A pesquisa mostrou como os ciganos que estão residindo em moradias fixas se fixaram e decidiram buscar uma estabilidade social, tentando acabar com os sofrimentos advindos de uma vida andando, e que a cada dia, como moradores, vem lutando para se livrarem dos preconceitos que a população em geral tem sobre eles. Mas, mesmo estando em uma condição de moradores e buscando uma boa sociabilidade com os não ciganos, continuam mantendo viva sua cultura, já que a cultura não é estática ela muda. Desta forma pude compreender as mudanças que ocorreram com os ciganos e como, apesar delas, podem defender uma identidade diferenciada.

Além disso, cabe destacar que os ciganos que estão moradores em São João do Paraíso sentem-se como pessoas que contribuíram na formação e desenvolvimento desta cidade. Fico na indagação se os moradores locais tem esta mesma visão, e isso é algo que pode gerar até outra pesquisa. A fixação, expansão e movimentação deles na cidade (por exemplo, a construção e venda de casas) é algo que mostra a sua cultura como povo que troca, que muda. Como apontou um dos entrevistados, algo próprio do *ser cigano*, que costuma vender, trocar e construir, andar: fato que pode mostrar um modo “*nômade*” de estarem fixados na cidade.

Contudo, pode se destacar como os ciganos que vem povoando o país são desconhecidos pela população brasileira sofrendo vários preconceitos, assim como a maioria da população paraisense desconhece quem são os ciganos e a sua cultura, e acaba por estigmatizá-los. Desta forma, conhecer os ciganos como um grupo étnico, com costumes, tradições pode auxiliar na sua compreensão e superação de preconceitos, como aconteceu comigo.

REFERÊNCIAS

BART, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTGNAT, P; FENART-STREIFF, J. Teorias da etnicidade. São Paulo: Difel, 1998. P. 185-227.

BRASIL, Relatório Executivo. **Povo Cigano**. 2013.

CARVALHO, Renato Sérgio Chaves de. **Porto Franco, terra que amo: mosaicos de uma história-** Imperatriiz, MA: Ética, 2008.

CONCEIÇÃO, Wellington da Silva. **“Sossega, moleque, agora você mora em condomínio”:** segregação, gestão e resistência nas novas políticas de moradia popular no Rio de Janeiro. -1 ed. – Curitiba:Appris, 2018.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade** / Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Aurélio: **o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2007. 544 p.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Nômades e peregrinos: o passado como elemento identitário entre os ciganos calons na cidade de Sousa-PB**. Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), v. 19, n. 19, p. 165-172, 2010.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte, UFMG, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**.17.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MEDEIROS, Jéssica Cunha de. BATISTA, Mércia Rejane Rangel.GOLDFARB, Maria Patrícia. Discutindo experiências de deslocamento social na diáspora e no nomadismo: refletindo sobre a mobilidade cigana e organização social. **ARIÚS – Revista de Ciências Humanas e Artes Centro de Humanidades** – UFCG– Campina Grande – PB. Pgn. 54 a 87. Volume 19 Número 01 Janeiro/Junho 2013.

MELLO, Marco Antônio da Silva. & VEIGA, Felipe Berocan. **Os Ciganos e as Políticas de Reconhecimento: Desafios Contemporâneos**. PPGA/ICHF-UFF e LeMetro/IFCS-UFRJ, 26º RBA, 2008.

MELO, Erisvelton Sávio Silva de. **“Sou cigano sim!”: identidade e representação, uma etnografia sobre os ciganos na região metropolitana do Recife – PE**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia PPGA/UFPE, 2008.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil**. 3ª ed. Recife. 2011. (editora do autor).

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo. Pioneira, 1976.

PEREIRA, Cristina da Costa. **Os ciganos ainda estão na estrada**. –Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. Editora brasiliense 1987.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SOUZA, Mirian Alves. **Ciganos, Roma e Gypsies: projeto identitário e codificação política no Brasil e Canadá**. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil. com período sanduíche em The University of Wester.

TEIXERA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil**. Recife- Núcleo de estudos Ciganos, 2008.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva** -Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

- 1). Fale um pouco da história dos ciganos. (Onde e como surgiram, e o que é ser cigano)
- 2). Quando vieram para São João do Paraíso-Ma?
- 3). Por que vieram? E por que ficaram?
- 4). Antes de vir para esta cidade, moravam onde? Nasceram onde?
- 5). Já foram nômades? Ou moravam em acampamentos?
- 6). Os ciganos que aqui residem são todos parentes?
- 7). É muito comum relacionar os ciganos à leitura de mão. Alguém que aqui reside sabe ler mão? O que vocês entendem pela prática de ler mão?
- 8). Vocês identificam algum cigano ou cigana como liderança dos que aqui residem?
- 9). Há algum encontro, festividade própria dos ciganos?
- 10). Há alguma superstição?
- 11). Como vocês chamam quem não é cigano?
- 12). Hoje já vejo na cidade o casamento entre ciganos e não ciganos. Antes podia? O que vocês acham sobre isso?
- 13). Fale um pouco da cultura cigana: costumes, comidas, festas e rituais. Há algo que vocês fazem e que pode destacar como pertencente aos ciganos?
- 14). Todas as crianças aqui aprendem a língua cigana?
- 15). Os ciganos são considerados bons comerciantes. Vocês também se consideram?
- 16). Sobre a cidade: o que vocês acham?
- 17). Vocês acham que a cultura cigana sofreu muitas mudanças? Se sim, quais?
- 18). Qual religião vocês seguem?
- 19). Como é o luto, casamento e festas na cultura cigana?
- 20). Na sua opinião, como vocês estando moradores continuam praticando sua ciganidade?